

Lendas, contos, causos, superstições e curiosidades

Município de São Roque do Canaã/ES

Projeto Resgate Cultural 2013/2014

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO



ROQUE DO CANAÃ

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO, CULTURA, ESPORTE E LAZER

LENDAS, CONTOS, CAUSOS, SUPERTIÇÕES E CURIOSIDADES

DO MUNICÍPIO DE SÃO ROQUE DO CANAÃ/ES

PREFEITO MUNICIPAL:

MARCOS GERALDO GUERRA

VICE-PREFEITO MUNICIPAL:

ODAYR JOSE LUCHI

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO:

CARLA GIANI ARRIGONI FORMENTINI

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE:

HUGO ROLDI GUARIZ

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE TURISMO, CULTURA, ESPORTE E LAZER:

GLAUBER REGATTIERI ROLDI

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO



ROQUE DO CANAÃ

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO, CULTURA, ESPORTE E LAZER

PEDAGOGO ORIENTADOR DO PROJETO NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO:

RAFAEL CALCI

TÉCNICO DA SECRETARIA MUN. DE TURISMO, CULTURA, ESPORTE E LAZER:

ALEX SANTIAGO DUARTE LEITE DA SILVA

CORRIGIDO E REVISADO POR:

PROFESSOR MARCOS ANTONIO WOLKARTT

PROFESSORA MARISTELA FADINI MELOTTI

ESCOLAS ENVOLVIDAS:

EMEIEF “DARLY NERTY VERVLOET”

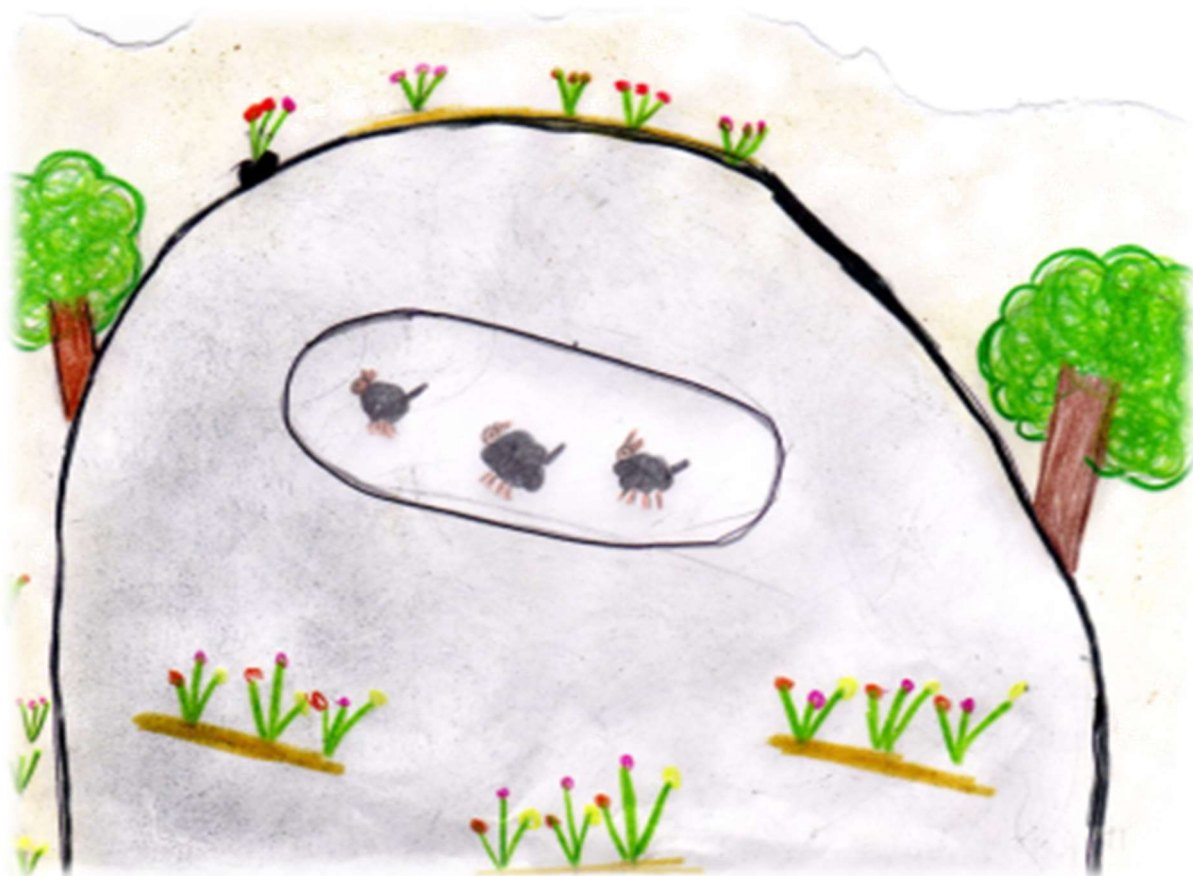
EMEIEF “JOSEPHIR BOSCHETTI”

EMEIEF “LUIZ MÔNICO”

SÃO ROQUE DO CANAÃ, 2014

“Porque não se vai sozinho ao encontro, não se vai nu, mas com toda a carga de memória que se tem, e das próprias experiências.

(Eliana Yunes)



APRESENTAÇÃO

Folclore é o conjunto de tradições e manifestações populares constituído por lendas, mitos, provérbios, danças e costumes que são passados de geração em geração.

O folclore simboliza a cultura popular e apresenta grande importância na identidade de um povo, de uma nação. Para não se perder a tradição folclórica, é importante que as manifestações culturais sejam transmitidas através das gerações.

Com objetivo de potencializar a rede de iniciativas culturais do Município de São Roque do Canaã, através do resgate das tradições de sua cultura popular, bem como do incentivo na formação e expressão popular para moradores de nosso município pensamos em construir o presente trabalho, visando resgatar causos, contos e lendas regionais, no intuito de tornar visível a toda a riqueza de demonstrações culturais presente no município.

Tais textos foram produzidos pelos alunos das Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Darly Nerty Vervloet”, “Josephir Boschetti” e “Luiz Mônico”, após mapeamento e visitas às famílias das comunidades que as escolas atendem, para coleta de dados.

Tal projeto teve seu primeiro mapeamento realizado em 2008, pela EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”, um segundo mapeamento foi realizado em 2013 com os alunos da EMEIEF “Darly Nerty Vervloet” e também com as escolas “Josephir Boschetti” e “Luiz Mônico”, com intuito de obter mais dados e novas histórias.

Durante o primeiro semestre do ano de 2014, os alunos realizaram a ilustração dos textos com os alunos, bem como a organização, digitação e edição dos mesmos, para que durante a semana do folclore, pudéssemos reproduzir esse material para todo o município de São Roque do Canaã.



CAUSOS

Causos são narrativas populares em que une os costumes do povo e o prazer de contar história. Possui um aspecto irônico e ambíguo, o que resulta no humor do texto.

Contar histórias é uma arte que nasceu com o próprio homem, na tentativa de transmitir um conhecimento de uma geração para outra, inscrevendo as experiências na memória. Contar e ouvir histórias são uma tradição tão antiga, que não se sabe ao certo a sua origem.

No Brasil, os “causos” receberam a influência dos indígenas, dos africanos e dos portugueses e a arte de contar histórias representa uma importante fonte de identidade cultural e social, simbolizando a perpetuação de uma tradição, a preservação da memória, a união de gerações, a interação de grupos e a “gostosura” de ouvir histórias.

A arte de contar e ouvir histórias, portanto, é uma prática de suma importância para a preservação da memória da sociedade e para a formação de leitores. No entanto, a contação de histórias vem sendo esquecida pelo homem contemporâneo. A criança é parte de uma história que é fruto de histórias passadas e será fio usado para tecer histórias futuras. Desse modo, procurou-se com o desenvolvimento deste projeto propiciar o resgate cultural e a formação de pequenos leitores por meio do contar, do ouvir, do escrever e do reescrever os textos orais pesquisados e coletados, fomentando a memória e o imaginário social tão adormecidos no mundo moderno, reafirmando, assim, a importância de nossos antepassados e fazendo com que o conhecimento por eles narrados não se apague da memória do homem contemporâneo.

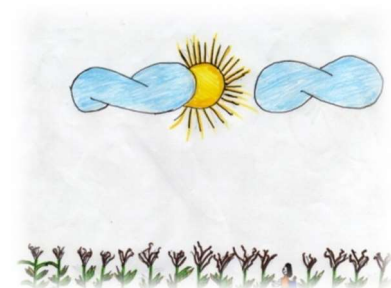


1. VIDA DURA



Local: Córrego Santa Rosa;
Área de abrangência: Reduto Familiar;
Personagens envolvidos: Dona Anita, o marido e o cunhado;
Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;
Ilustração: Mayke Oliveira Cremonini;
Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

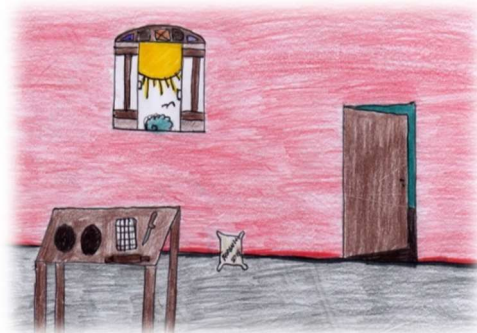
Antigamente, nós trabalhávamos muito e não tínhamos nem um capote e nem um chinelo.



Colhia muito café que era levado no lombo de burros, até Santa Leopoldina. Gastava de 03 a 04 dias para chegar lá, quando voltava, vinha trazendo açúcar branco, porque nós fazíamos açúcar preto, mas gostávamos de ter o branco que era para receber as visitas no Domingo. Estes homens que levavam o café traziam também sal e

carne seca.

Algumas vezes, eles traziam macarrão de venda; mas o macarrão era mesmo feito em casa, o trigo era comprado em saco de 50 quilos, era usado para fazer a taiadela e também a merenda misturada no fubá que era moído no moinho de pedra, muitas vezes andavam horas com o saco de milho pra moer e trazer o fubá e também a canjiquinha.



Por muitos anos o milho foi a base de nossa alimentação. Hoje se compra o arroz. Naquela época, o arroz era plantado no brejo e não dava para a despesa do ano, então entrava o milho mesmo. Mas pelo trabalho e apesar da dificuldade, sou feliz, minha alegria é a roça. A roça é meu lugar.

Mesmo sendo analfabeta, por não ter tido oportunidade, Dona Anita conduz a pequena fazenda e a casa, pois seu marido e o cunhado que moram com ela já não conseguem

trabalhar como antigamente. A casa humilde necessita de reforma. Contudo recebe os familiares e visitas com muita alegria.

A gratidão e a religiosidade são inerentes a essa gente sofrida, pois nos contou que quando iam se confessar e comungar tinham que estar de jejum absoluto, não bebia nem água e concluiu dizendo que agora já não precisa de tanto sacrifício.

Apesar da força e beleza de sua história de vida, tudo se manteve restrito apenas ao meio familiar.



“Para mim, a vida é muito simples e esse registro da minha história é bom para mostrar que com a vida simples, também se consegue ser feliz.” (Anita Mariani Montovani)

Visão da criança/adolescente:

A vida mudou muito, hoje tem carro, energia elétrica, e ninguém trabalha tanto. Agora temos tudo na mão, embora haja muita gente passando fome.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Anita Mariani Montovani;

Como é conhecido: Dona Anita;

Ocupação/Profissão: Lavradora;

Onde Nasceu: Santa Rosa;

Desde quando mora na localidade: Desde que nasceu;

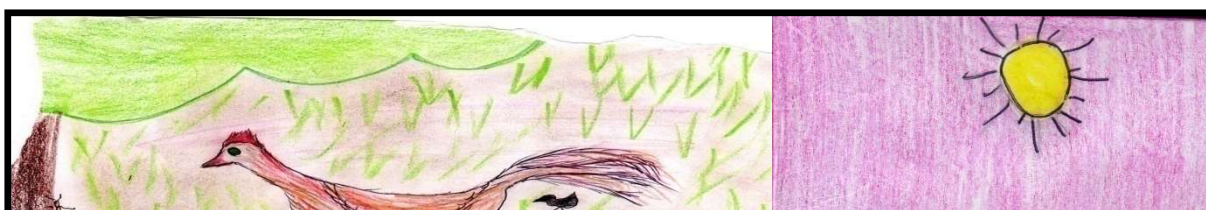
Idade: 78 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Branco;

Função que desempenha no caso: Narradora.

2. O GALO CAPÃO





Local: Córrego da Saúde;

Área de abrangência: Córrego da Saúde;

Personagens envolvidos: Dona Judithi, a mãe, o pai, o Dr. Justinianor;

Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Ilustração: Rosa Cristina de Barros;

Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

Aqui em nosso município a simplicidade é muito inerente, e vários fatos passam



despercebidos ao nosso dia a dia, por se tratarem de algo comum a realidade. A agricultura de subsistência e a criação de animais domésticos é algo natural, fazendo de nossa população rural, criadores de soluções para as situações mais difíceis, muitas vezes modificando tudo em nossa volta. Transpor a inteligência em palavras é muito complexo, pois vemos em cada expressão um novo aprendizado e uma nova visão da vida.

Dona Judithi é moradora do Córrego da Saúde, desde os dois anos de idade, sempre viveu pobre. Sua família sobreviveu com muita dificuldade e com

muito
educar a

A sua mãe
anos teve

de doença
inchavam
passar do
ferida.

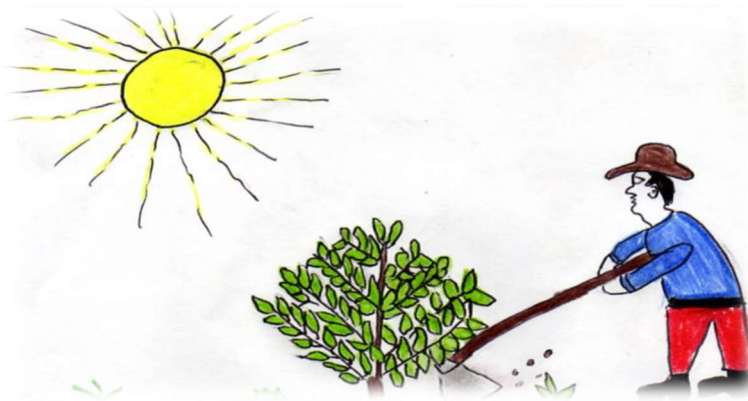
mãe com

Todo esse cuidado era necessário, pois não havia médicos por perto, os remédios eram caseiros a base de folhas e raízes. Tudo era muito difícil, às vezes, rezar era a solução.



trabalho, seus pais conseguiram criar e todos da família.

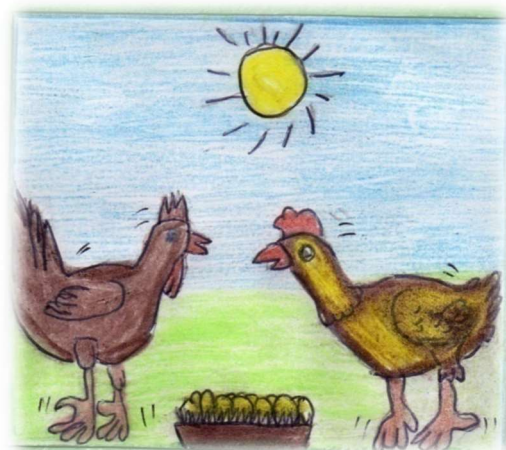
faleceu aos 96 anos de idade e por 60 uma ferida na perna que não cicatrizava. Ela desenvolveu esse tipo ainda nova, as veias da perna muito e ficavam sensíveis, com o tempo, irritavam e formava uma Quase minha vida toda, eu via minha as pernas enfaixadas com um pano.



A vida do meu pai era muito dura, trabalhava na roça, algumas coisas ficavam para o nosso sustento e outras ele comercializava com outros vizinhos próximos, tínhamos também criações de animais, como porcos, galinhas, patos, marrecos, perus, gansos, algumas cabeças de gado e

outros animais. Todo fim de tarde era uma festa no terreiro, minha mãe jogava milho e todos vinham correndo para comer. Meu pai tinha habilidade em castrar animais e sempre era chamado por vizinhos para realizar algum trabalho. No quintal de nossa casa, tinha um galo diferente dos outros, meu pai o chamava de galo capão, pois falava que tinha capado o galo.

Eu ficava imaginando como que era capar um galo, como que meu pai tinha feito aquilo, mas meu pai insistia que o galo era capado. Ele falava que tinha feito pelas costas do galo e minha mãe tinha ensinado a ele como fazer um galo ficar capão. Depois que o galo estava capado, colocava-o debaixo de um balaio cheio de urtiga, para ele aprender a coçar o peito, e dava pimenta para ele comer. A pimenta ardia e ele chamava choco. Os



ovos que as galinhas que colocavam na beira de casa eram colhidos e os ninhos que ficavam no mato, nós deixávamos para que fossem chocados.

Dona Judithi fala de um fato bastante interessante em sua vida, o que era para ser uma solução virou um problema, pois todas as vezes que o galo achava um ninho no mato ele queria chocar. Várias vezes tínhamos que ver o que estava acontecendo. Ele era duro na queda, não deixava as galinhas, nem os ninhos sossegados.

Ao ver que a galinha estava fazendo ninho, ele já ficava todo afoito, pois sabia que tinha ovo na história. Ficava na espreita de onde seria o ninho, quando estava cheio e pronto para chocar ele roubava. A pobre galinha voltava, e era aquele desespero, cacarejava, para todos os lados, fazia o maior escândalo no quintal, mas nada, quem ia tirar o galo do ninho

dela. Pois bem, as galinhas que cuidassem do ninho, ele achando descoberto era sinal de perigo! Roubava e adotava como se fosse dele. Com o tempo as galinhas ficaram mais espertas e quase não deixavam uma oportunidade para o capão.

Como minha mãe tinha ensinado o galo a cuidar de qualquer tipo de ave, ele não queria nem saber, começou a roubar ninhos de todas as aves do terreiro. Pegava tudo! Até das gansas se vacilassem. E como elas eram ariscas, mas ninguém podia com a astúcia do galo capão. Era espoleta mesmo, gostava de tomar conta da situação. Você tinha que ver quando chegava gente em casa, o galo virava o capeta. Começava a cantar, levantava as asas, batia bastante, esfregava no chão e aí meu amigo tinha que correr, pois ele ia para cima como louco dando bicadas e bicadas.



Todo dia cedo, ele nos acordava cantando, era maravilhoso, ele não errava a hora nunca, às 5 da manhã, estava ele lá cantando e batendo as asas, e logo depois começava tudo de novo, a maior confusão no lado de fora.

Quantas vezes minha mamãe tinha que dar uma sacudida do pano no terreiro, para acalmar os bichos por causa do galo capão. Certa vez, ele conseguiu um ninho com 14 ovos, e lá ficou chocando, até espera de seus pintinhos nascerem, e por incrível que parece todos nasceram. Ele cuidava dos filhotes como se fossem dele. Parecia coisa de outro mundo, a família perfeita. Os outros bichos tinham muito receio quando ele estava próximo, pois era perigo constante.

Certo dia, minha mãe acordou cedo, foi ao terreiro procurar uma galinha bem gorda para matar, mas já tinha começado o inferno novamente, agora com a pata. O galo capão e a pata estavam em uma briga violenta, era piado para um lado e piado para o outro, o galo cantava, voava em cima dela e pata fazia o mesmo, ambos batiam as asas e derrubavam coisas no chão do paiol velho, a pata piando alto e o galo não estava satisfeito continuava bicando a pata bastante, uma luta travada. Mamãe pegou um pano e saiu correndo para apartar a briga, ela tentado dar fim na confusão, saiu correndo sem ver, acabou cortando a veia da perna na cerca de arame. Começou a sangrar, parecia que tinha estourado, estava perdendo sangue. Ela pegou o pano que estava na mão e amarrou na perna, gritou por meu pai, ele veio alvoroçado, viu o que estava acontecendo, subiu no cavalo e galopou até



a cidade de Colatina, para chamar o Dr. Justiniano. Minha mãe em casa ficou falando que iria matar aquele galo capão, pois não deixava o galinheiro, nem bicho nenhum em paz, parecia que o bicho tinha o capeta no corpo para fazer tanta astúcia.

O tempo passou, meu pai e o Dr. Justiniano chegaram. Ele conversou com a gente e viu que minha mãe estava muito pálida, ele receitou uns medicamentos, e disse a ela que estava apresentando ter anemia, e o problema da perna era sério mesmo, pois além da veia cortada a pele estava muito irritada, ele fez um monte de coisas com ela, sei que ele passou a noite com a mãe e a salvou.



No outro dia, a perna não sangrava mais e já podia andar. Contamos a história do galo capão e os 14 pintinhos ao doutor, ele ficou encantado com a astúcia do galo, roubar ninhos para chocar e depois cuidar de 14 aves. Era impressionante! Demonstrou no galo. Ao se despedir não quis pela consulta. Então minha mãe ele gostaria de levar o galo para aceitou na hora, pois era o que queria mesmo, deram-lhe o galo com os seus 14 pintinhos adotados de presente.

muito interesse cobrar nada perguntou se ele, e ele queria mesmo, deram-lhe o galo com os seus 14 pintinhos adotados de presente.



Meu pai tinha 84 anos quando faleceu, mas sempre lembrava com afeto das aventuras do galo capão.

“Esta manifestação é boa para registrar como o povo antigo sofreu, pela ignorância e a falta de recursos. Hoje o homem matou tudo e sofre as consequências na seca e falta de comida. Naquele tempo tudo era medido e só fazia para sobreviver. O jovem hoje precisa valorizar as facilidades que tem.”

(Judithi Maria Pedroni Margon)

Visão da criança/adolescente:

A nossa vida é bem melhor, naquela época era apavorante, hoje em dia não se chama mais o médico, nós que vamos até ele.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Judithi Maria Pedroni Margon;

Como é conhecido: Judithi;

Ocupação/Profissão: Dona de casa;

Onde Nasceu: São Jacinto;

Desde quando mora na localidade: Desde os 02 anos de idade;

Idade: 75 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Branca;

Função que desempenha no caso: Narradora.

3. Causo de benzedor



Local: Córrego Santa Rosa;

Área de abrangência: Santa Rosa, São Pedro e São Roque;

Personagens envolvidos: O pai do Silvio Bonatto e o padre;

Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Ilustração: Rariane Rattes;

Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.



O pai do Silvio Bonatto benzia marimbondo, podia chegar o maior enxame, se ele benzesse ia tudo embora. Ele benzia de tudo, bicheira, cobreiro, de susto, quebranto e mal olhado. Era um benzedor dos bons mesmo. Até que ele começou a ver o demônio pendurado no telhado de cabeça para baixo e deu muito trabalho para conseguir que ele tivesse sossego de novo. Eles tinham uma moringa de barro onde guardava água. À noite eles ouviam mexer na moringa, alguém pegava o copo de alumínio que ficava do lado da moringa e ficava batendo. Até que o padre foi na casa e descobriu que o velho rezava com o livro de São Cipriano, então o padre pegou o livro e o queimou, depois disso acabou a perturbação. O padre disse que a reza de São Cipriano era muito forte por isso essas coisas estavam acontecendo.

Ainda existem pessoas que benzem em nossa região. Mas em muito pouco tempo, essa cultura tende a desaparecer, porque muitos benzedores morreram e não passaram este ofício para ninguém. Os casos mais procurados são dores na coluna, espinhela caída, quebranto, cobreiro, coceira... Atualmente os que

restam é um número bem restrito, porém são muito procurados por pessoas da região e até de outros municípios.

“Benzer significa tornar Bento ou Santo. Benzer uma pessoa é o



ato de rezá-la, pedindo que dela se afastem todos os males ou o mal específico que lhe esteja afligindo.”

(Pai Benedito dos Cruzeiros)

Visão da criança/adolescente:

Para mim o benzimento tem grande valia.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Roberto Camilo Mantovani;

Como é conhecido: Beto;

Ocupação/Profissão: Lavrador;

Onde Nasceu: Santa Rosa

Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu;

Idade: 34 anos;

Sexo: Masculino;

Raça/Etnia: Branco;

Função que desempenha no caso: Narrador.

3. A gruta do Militão



Local: Cabeceira do Militão;
Área de abrangência: Todo Município;
Personagens envolvidos: O homem assassinado e o capeta;
Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;
Ilustração: Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;
Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.



Na cabeceira do Militão há uma gruta extensa, que abrigou índios e algumas famílias no passado.

Com sua beleza exuberante, ostentando pedra sobre pedra, com bromélias nas pontas, não deixa de conter certos mistérios, pois ao aproximar-se da gruta visualiza-se ao longe outra pedra com o formato de uma santa – Nossa Senhora Aparecida e dizem que há duas pedras que mudam de lugar no decorrer do tempo.

Sem nenhuma infraestrutura turística, esta gruta é muito alta e junto a ela tem a igrejinha de um lado e do outro uma enorme pedra. Três palmeiras marcam a entrada, no interior, a beleza surpreendente. Mas surpreendente mesmo é o que se vê logo abaixo dela. Uma pedra baixa rodeada de cactos e um pequeno córrego onde se encontra o formato de um pé afundado na lama e logo na beira uma cruz pequena desenhada na pedra. Contam que quando chove a pegada fica vermelha cor de sangue, por isso a chamam de pegada do capeta, ninguém sabe explicar o fenômeno,

mas dizem que ali perto no alto das pedreiras mataram um homem e jogaram de pedra a baixo e o rastro pode ser para as pessoas não se esquecerem do fato.

“As canções, os relatos, os contos populares, pintam em poucas palavras o que a literatura se limita a amplificar e a disfarçar.”

(George Sand)

Visão da criança/adolescente:

A gruta é escura e isto causa medo e o resto é tudo invenção do povo para amedrontar os outros. As pedras vivem cobertas de serração é por isso que eles pensam que elas andam. Mistura de sensações.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Lucas Geremias;

Como é conhecido: Geremias;

Ocupação/Profissão: Agricultor;

Onde Nasceu: cabeceira do Militão;

Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu;

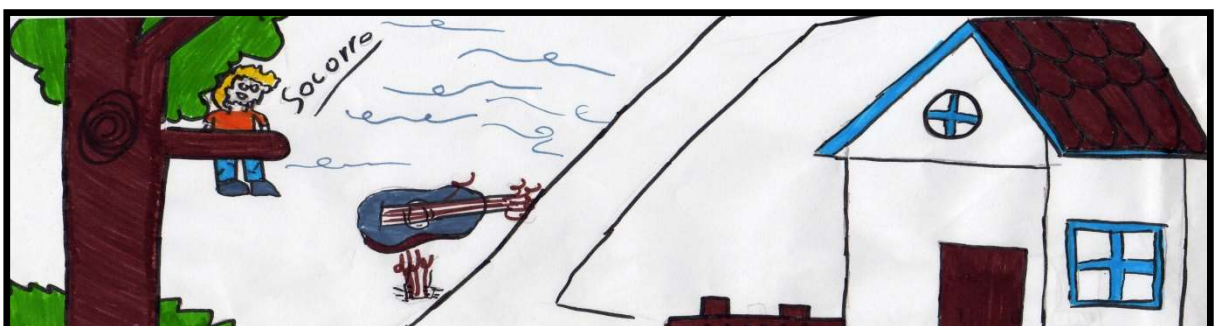
Idade: 45 anos;

Sexo: Masculino;

Raça/Etnia: Pardo;

Função que desempenha no caso: Narrador.

4. Adalberto e o Redemoíinho



Local: Cabeceira do Militão;
Área de abrangência: Cabeceira do Militão;
Personagens envolvidos: Adalberto Rogério, Acássio Geremias, Augustinho Rogério;
Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;
Ilustração: Caroline de Souza Ronconi;
Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

Antigamente os jovens da região tinham o hábito de fazer repente pela estrada e visitar os vizinhos no fim de tarde, era um costume para ter maior aproximação com as moças e conhecerem suas futuras esposas. A energia chegou na cabeceira do Militão em 2005, com isso vários fatos que para nós parecem normais para esse povo são sobrenaturais.

O costume de cantar pelas estradas era a forma que os jovens tinham de caminhar pelas estradas, espantando o medo e também galantear as donzelas.

Alberto Rogério e Acássio Geremias eram amigos, igual irmãos, sempre estavam juntos contando tudo que era tipo de causo. Festas, brigas, serenatas, futebol, aprontavam a vontade. Um sempre do lado do outro e também adoravam cantar e galantear as donzelas.

A quaresma nesta região é uma época santa e onde todas as



peças fazem vários sacrifícios, pois é muito típico da região jejuar e guardar dias santos.

Em um dia de quaresma Adalberto Rogério estava muito entediado e queria fazer algo diferente, foi até a residência de seu amigo Acássio Geremias para ir cantar e tocar

repente pelas estradas, mas Acássio temeroso não quis sair em respeito ao tempo de quaresma.

Adalberto que era gostava de ficar religiosos, então “Hoje nem o saci repente.”

Pegou suas coisas e todos da família mas quem tirava da foi assim mesmo, musical de longe, Depois de algumas algo estranho, pois ventando. Ele

uma ventania muito forte e um redemoinho o jogaram em cima de um pé de árvore com o nome de Sapucaí, ali ele ficou pendurado e desacordado, quando acordou viu que já estava de dia e ele começou a gritar por socorro. Sua família preocupada já estava pensando no pior quando de longe ouviram os gritos desesperados de Adalberto que só conseguiu sair do pé de Sapucaí quando seu pai Augustinho Rogério o tirou de lá. Falam ainda que ele ficou pendurado por 3 dias no pé de sapucaia, mas nada se prova.

Como não tinha energia, o imaginário era muito rico, nas horas de folga o que restava para essas pessoas era papear.



muito teimoso, e não preso a esses fatos falou para seu amigo: me impede de cantar

saiu pela estrada cantando, pediram que ele não fosse, cabeça de Adalberto, ele ouvia sua voz e o som ele cantando pela estrada. horas, ele começou a sentir estava ficando frio e estava cantando, quando



*“Brincar no quintal
Pra renascer a criança
Moleque levado Saci-Pererê...
Que quer andar solto no mato,
Mas vive trancado dentro de você.
Sai correndo muito ligeiro,*

Voa que nem passarinho...
Pique esconde, pique ajuda, pique cola, pique tá,
Não deixa ninguém te pegar...

(Quintal - Bia Bedra)

Visão da criança/adolescente:

Isso pode ser verdade porque ninguém pode desafiar o saci. Este Adalberto devia ser sonâmbulo e subiu na tal árvore, depois não sabia descer.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Lucas Geremias;
Como é conhecido: Geremias;
Ocupação/Profissão: Agricultor;
Onde Nasceu: cabeceira do Militão;
Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu;
Idade: 45 anos;
Sexo: Masculino;
Raça/Etnia: Pardo;
Função que desempenha no caso: Narrador.

5. João Porco



Local: Santa Júlia;

Área de abrangência: Baixo Santa Júlia e Alto Tancredinho;

Personagens envolvidos: Rosinha Melotti, Giacomo Melotti, João do Porto, José capixaba, Luizinho Melotti e a porca;

Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Ilustração: Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

Vi aqueles dois homens chegando com meu pai, cansados, sentados na mesa para tomar café, eu cheia de raiva. Minha mãe blasfemou e falou na cara deles “Tomara que suas mãos caíssem e seus pés fiquem duros e colados no chão, nunca vi tanta safadeza na vida. Eu queria mesmo que eles tivessem uma grande caganeira, fazer tudo aquilo e ainda tomar café. Depois daquele dia, ao vê-los de longe, corríamos até a varanda e ficávamos acompanhando com o olhar até eles virarem a curva.

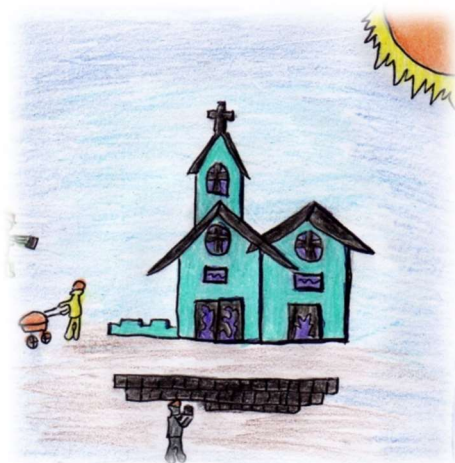
Residíamos na comunidade de Tancredinho chamava-se, Córrego dos índios. Eu, Rosinha Melotti, tinha dez anos de idade, morava com minha família e meu Pai Giacomo Melotti, ele falava que índios tinha vivido lá, pois encontrávamos vestígios ali nas cavernas de uma população indígena, por isso recebeu esta denominação que perpetuou por alguns anos.



Éramos uma comunidade italiana, totalmente católica, contudo somente nos anos 40 conseguimos nos organizar e construir a Igreja de Santo Antônio. Meu pai falava que foi a maior festa da vida dele, ele mesmo tinha participado da construção e de tudo pelo jeito que narrava, vendeu rifa, fez quermesses, pediu ajuda de casa em casa, tirou até de seu próprio bolso, bateu massa, assentou tijolo, rebocou as paredes e colocou o telhado. Ele

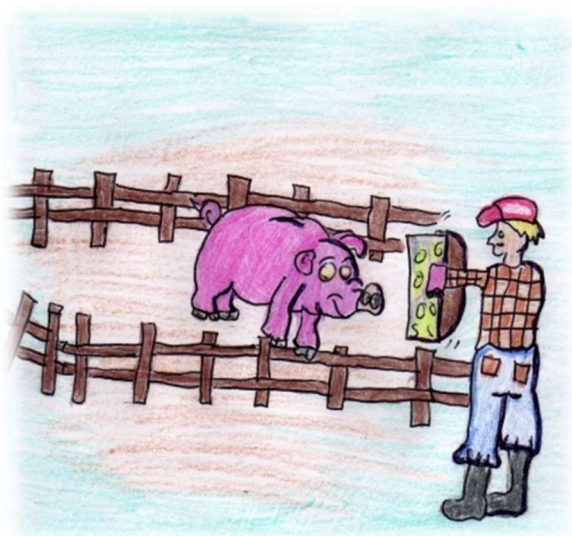
era um homem muito temente a Deus e adorava participar em tudo na comunidade, depois da igreja feita tínhamos também nosso cemitério. Eu achei o fim ter um cemitério, mas meu pai explicava que era necessário, éramos católicos e tínhamos que ficar próximos a Deus depois da partida. Eu olhava para meu pai e ficava pensando.

“Meu pai do céu eu não quero que meu pai vá para lugar algum. Não deixe-o partir não, viu!” Mas como ele nunca ia, eu não me preocupava.



No início do século começa a emigração de afro descendentes brasileiros para nossa região, era muito promissora. Pessoas diferentes de nós sempre apareciam, o rosto era igual, mas a cor era meio escura. Nunca tive nenhum tipo de grilo com isso, e sempre tratávamos muito bem qualquer pessoa que aparecesse por aqui. Muitos vieram, mas poucos ficaram. Conseguiram fixar-se em nossa comunidade, o João Conceição, João Batista, os Pimentel, João Porto e José Capixaba. Pena que os dois últimos, não tenho boas lembranças. Depois daquele dia, eu os odiava de coração, e se pudesse jogava pedra quando passavam. Meu pai falava que era errado, mas criança é assim, quando pega raiva de alguma coisa, já viu nem Cristo muda a opinião. E estes João Porto e José Capixaba deixaram comprometidos, moralmente seus nomes para o registro da nossa história.

Sempre ouvia em casa sobre os maus hábitos, tínhamos que ter muita educação. Acho que eles nunca tiveram, por isso a ambição e a gula lhes pregaram uma falseta, e que falseta, tendo-os sujeito à rejeição da comunidade por fazer algo muito feio que provocou revolta e desconfiança de todos.



João do Porto conversa com José Capixaba e planejam um ato insólito, pois sempre que passavam em nossa residência, via um porco muito bonito, pesado, gordo mesmo, bem cevado que andava para todos os lados, fuçando e roncando. Meu Pai, seu Giacomo Melotti, tinha grande apego a ele e esperava ansioso para chegar o dia que ele mataria e venderia toda aquela carne para comprar coisas para nossa casa.

O ato pecaminoso foi marcado para acontecer à noite, quando todos nós estivéssemos dormindo. Marcaram o dia apropriado, esse João do Porto não tinha boa fama e adorava praticar essas coisas feias. Levaram o plano adiante e depois das nove

horas da noite, estes homens chegaram em nossa propriedade silenciosamente, foram ao chiqueiro e cautelosamente, amarraram a cabeça do porco, colocaram uma focinheira, e começaram a penúria de deslocar o porco a pé até a casa deles, mas como Deus é bom e com porco não se brinca, o bicho é porco porque tem algo a ver mesmo.



Este foi deixando marcas pelo chão muito evidente, uma cagada atrás da outra, parecia que o bicho estava marcando o caminho, e andava um pouco e ploc no chão, mais uns metros ploc novamente, não sei como, mas ele teve como marcar o caminho de Baixo Santa Júlia até o Alto Tancredinho, no meio da mata, cagando e cagando.

Como era costume sempre ouvir o porco roncar, a princípio meu pai não atinou sobre o fato, mas contudo a noite ficou silenciosa por demais e ele foi ver o que tinha acontecido no chiqueiro. Ao chegar lá, ele viu a baia vazia e ainda tinha pegadas no chão de duas pessoas.

Era a marca do crime, seu Giacomo imediatamente foi chamar seu sobrinho Luizinho Melotti, foi em casa pegar a carabina papo amarelo e ambos partiram em direção dos sujeitos. A princípio era muito difícil, era noite e não tinha iluminação, era de candeeiro. Até meu pai achar a primeira cagada do porco. E aí ficou um pouco mais fácil era só achar a

Meu
de
de
Dado



próxima, e foi assim de monte em monte. pai atravessou a mata a noite toda e no outro dia chegou próximo a cabana do suspeito, era mais de um quilômetro de caminhada, e quando chegou na cabana João do Porto, deparou com o porco já pendurado e sendo trinchado pela dupla meliantes.

o flagrante do crime, tão claro como a luz daquela manhã ensolarada, foram tomados de surpresa e ainda estavam a

mira de uma carabina, já engatilhada. Foi um grande desespero. Meu pai falava alto. Eles ficaram sem ação, estáticos. Meu pai ameaçava matá-los e meu primo Luizinho estava tentando acalmá-lo. Foi então que meu pai ordenou que a dupla de bandidos conduzissem de volta o suíno abatido. Tudo mesmo, principalmente os miúdos e a buchada. O caminho de volta foi bem mais doloroso para os meliantes, pois apesar do cansaço da noite, ainda carregavam o porco nas costas, e toda buchada que tanto fedia.



Os ladrões caminhavam a frente de meu pai, sob a mira da carabina. Sem fôlego, a carga parecia ser muito pesada, e vinham apoiando nas costas. Vi de longe na estrada quatro homens caminhando, tropeçando de um lado para o outro e muito cansados, entraram em casa pela cozinha e descarregaram o suíno abatido e seus miúdos sob a mesa. Então meu pai abaixou sua carabina. Quando iam se retirando com a cara no chão, meu pai os mandou pararem para tomar café. Eu não me conformava! Minha mãe resmungou, falou, blasfemou e foi buscar o café e pão para aqueles malfeitores. Comiam

desconfiados, sem muita educação, devoraram rapidamente tudo o que tinham lhes oferecido. Após forrarem o estômago, agradeceram à gentileza e reclamaram que o café estava meio amargo para o refinado paladar.

Finalmente saíram de casa e meu pai com pena, achando que eles tinham roubado para comer, deu um pedaço de carne fresca, com osso, para reforçarem o estomago. A partir desse episódio João do Porto recebeu, com justiça, o apelido de João Porco, trocadilho impiedoso, porém menos apropriado ao caso.

“Rosinha Melotti atualmente já é falecida, Suas recordações ficarão marcadas neste mapeamento cultural e também já li fatos dessa história no livro de São Roque do Canaã – Uma história de fé, trabalho e vitórias, escrito por Luiz Carlos Biasutti e Arlindo Loss.”(Adriani Nepomuceno Ziviane)

Visão da criança/adolescente:

Eu acho que nos sempre devemos fazer coisas boas para as pessoas, e não prejudicar o próximo como foi contado na história.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Adriani Nepomuceno Ziviane;

Como é conhecido: Adriani;

Ocupação/Profissão: Assistente Social;

Onde Nasceu: Divisa entre São Roque do Canaã e o distrito de Itaçu (Itaguaçu);

Desde quando mora na localidade: Há 15 anos;

Idade: 28 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Branca;

Função que desempenha no caso: Ouvinte.

6. Uma família e 27 mudanças



Local: Bairro Cinco Casinhas;

Área de abrangência: São Roque;

Personagens envolvidos: Atílio Regathiere, Antonina Pascolina, Lurdes, Giomar, Dionísio, Ermandina, Mercedes, Matilde, Inês, Paulina, Altair Merlo, Ernesto, Elias;

Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Ilustração: Jéssica Vulpim de Barros;

Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.



Seu Atílio era uma pessoa muito inquieta e não conseguia ficar morando no mesmo lugar por muito tempo. Nasceu em casa, neste município, onde desde pequeno despertava grande interesse em negócio e troca; e era assim trocava tudo que tinha. Sua infância foi normal, trabalhando na lavoura de café, vendendo em Santa Leopoldina,

Colatina e São Gabriel da Palha. Conheceu a Senhorita Antonina Pascoline, com quem se casou e foram residir em uma pequena propriedade no interior, no vilarejo de São Miguel, atualmente pertencente a Colatina.

Seu Atílio e Dona Antonina tiveram oito filhos, seis mulheres e dois homens. Assim que Dona Antonina e seu Atílio se casaram ficaram residindo por cinco anos, na propriedade em São Miguel. Parecia levar uma vida normal, quando ele colocou na cabeça que tinha que mudar, ninguém o convencia, e ele só pensava nisto.

Trocou sua pequena propriedade por uma maior em São Roque e mudaram em cima de uma tropa de burro para o vilarejo de São Miguel. Nesta mudança foram: Dona Antonina, seu Atílio e seus seis primeiros filhos: Lurdes, Giomar, Dionísio, Ermandina, Mercedes e Matilde. Já no vilarejo nasceu a Inês e Paulina.

Seu Atílio sempre vivia de troca, vendia tudo, era um muambeiro de mão cheia. Tudo o que tinha não conseguia ficar por muito tempo, sempre acabava dando um destino, trocando! Não se importava de levar prejuízo, o negócio era trocar. O tempo passou e seu Atílio

conheceu um homem que comprava muito café em São Gabriel da Palha e resolve trocar seu Sítio no vilarejo de São Roque e ir para São Gabriel da Palha. Lá conhece uma pessoa em São Domingos do Norte, que acaba fazendo uma proposta de trocar sua fazenda por uma casa e ele oito meses depois, muda novamente, agora para São Domingos permanecendo lá por seis meses.



Como em São Domingos ele residia afastado, em uma localidade na zona rural, tratou logo de conseguir uma nova casa em São Roque e volta com toda família agora para o bairro de São Roquinho. Quatro meses mais tarde, coloca na cabeça que tem que morar na capital e consegue trocar uma propriedade que tinha de família por um hotel em frente ao Parque Moscoso e leva toda sua família para um novo lugar desconhecido.



Seus filhos adoravam aquela vida, pois a mudança era bastante divertida, estar sempre em uma casa nova, passeando, mudando de escola, fazendo novas amizades. Contudo Dona Antonina não via com bons olhos aquela vida. Não ter um lugar para viver, era difícil criar os filhos, ficar sem móveis, pois acabava com tudo a cada mudança. As duas filhas mais velhas foram estudar no Rio de Janeiro em um internato de Freiras, e o restante ficou com a família. Os

meninos não gostavam muito de escola e sempre tinha advertência em casa.

A história do Hotel não deu certo e novamente toda família retorna ao vilarejo de São Roque e como já tinha vagado muito pelo mundo, suas filhas já estavam ficando moças. Diante disso resolveu não sair mais do município, todavia acabou mudando 27 vezes, não ficava em bairro algum, chegava em casa e falava:

“Troquei a casa, mulher! Arrume as coisas e vamos.”

Cada época uma casa diferente e não ligava das condições da casa não, colocava os filhos em qualquer lugar. Quando Dona Antonina completou 54 anos morreu de infarto e seu Atílio permaneceu viúvo durante oito meses. No ano seguinte, conheceu a Senhora Altair Merlo acabou casando novamente.



Com esta mulher ele teve mais um filho por nome de Ernesto. Acabou indo morar novamente no Bairro de São Roquinho. A troca, ele nunca conseguiu abandonar. Nesta época algo bastante interessante aconteceu.

Com a velhice, os problemas de saúde começaram a aparecer e ele já estava muito debilitado, tinha problemas de pressão alta e falta de ar. Dona Altair o levou para o médico em Colatina, e este receitou uma série de medicamentos cardíacos. Dona Altair pega os remédios e dá a seu Atílio e esse vai dormir. No outro dia, nada do homem levantar e como era de costume às 5 horas da manhã ele já estava de pé, ela pensou que ele estivesse meio indisposto e foi fazer seus afazeres, às 8 da manhã, ela retorna ao quarto e ele continua na mesma posição. Ela se desespera, já pensa o pior, manda chamar o farmacêutico. Os parentes vendo o alvoroço, correm pra ver o que está acontecendo, todos começaram a comentar o fato, e a notícia corria. O povo falava de qualquer jeito, tinha gente pensando na missa de 7º dia, na coroa de flores e uma multidão estava sendo formada dentro e fora de casa.

Suas filhas tristes choravam, pois não se conformavam de ver seu pai em coma e só esperavam no pior, pois não acreditavam no que estavam vendo. Ver seu pai até as 6 da noite e nada de levantar, muitos falavam que ele já estava morto. Ficavam resmungando pelos cantos e lastimando a perda de um homem bom. A notícia se espalhou, e em todos os lugares comentava-se sobre o coma do seu Atílio. Chegou aos ouvidos do Sr. Elias, à noite, que apressadamente correu para cumprimentar a família, ao chegar, encontra as filhas desconsoladas, amigos, parentes no quarto, todos tentando falar com o seu Atílio, buscando a mínima reação possível, e nada de ele responder ou falar.

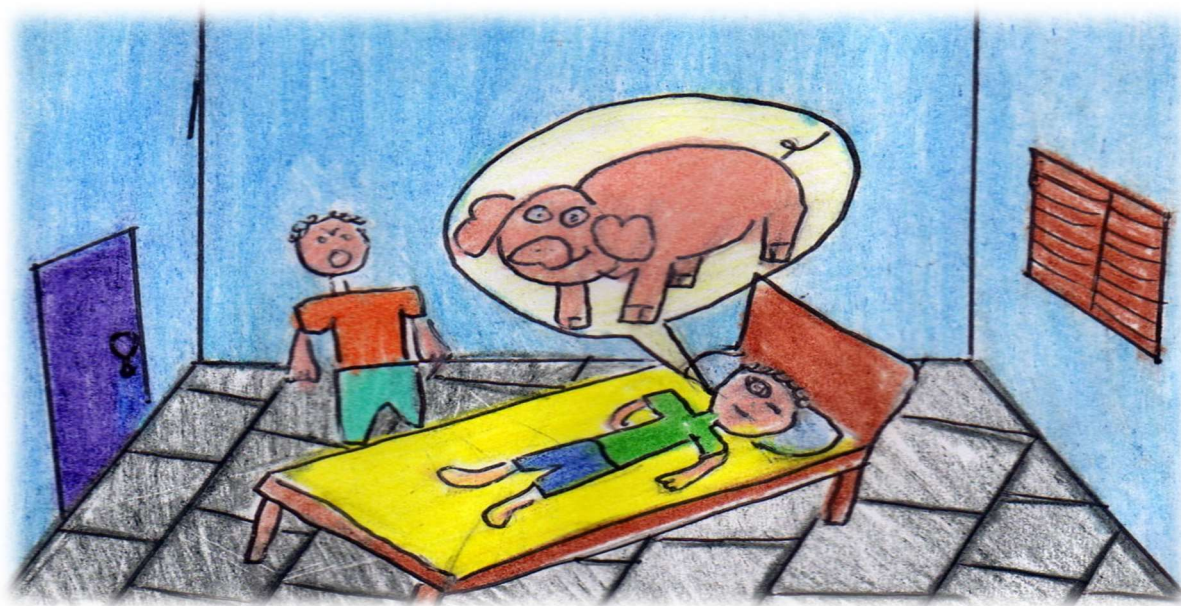
A tristeza estava na face de todos. Foi então que o Senhor Elias, teve uma atitude inesperada, se aproxima, para ver que seu Atílio ainda respirava e o pega pelos ombros, começando a sacudi-lo forte e perguntando:

- Atílio, Atílio! Homem! Você me reconhece? Está me reconhecendo?

Não sabemos como, mas seu Atílio abre os olhos e fala:

- Mas é claro que reconheço!

“Você é o caloteiro que está me devendo uma porca até hoje!”



Todos da casa ficaram surpresos, o homem quase morrendo ainda reconheceu os que tinham dívidas com ele, chegava a ser engraçado e todos acabaram rindo e encerraram a novena. Depois disso, seu Atílio começou a melhorar e logo se levantou. Ainda bem que o homem veio e teve a atitude tão repentina. Seu Atílio, o gavião para negócio, reconhecia bem, até morrendo, os caloteiros.

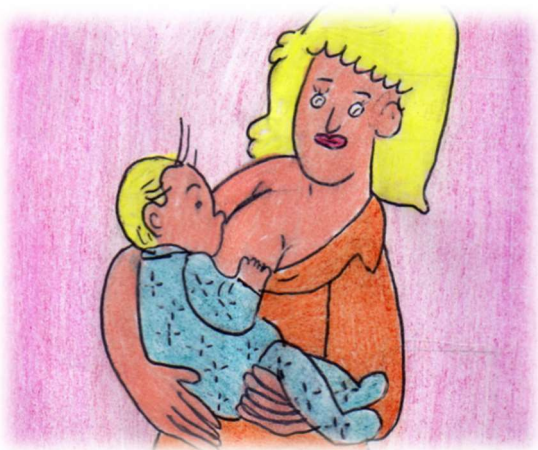
Este homem impressionante morreu aos 79 anos, sua vida sempre foi muito simples, nunca teve luxo. O pouco que construía acaba vendendo ou trocando, tinha uma inquietação que o consumia.

Deixou nove filhos que muito o amaram e recordam emocionados de todos os momentos que passaram juntos. De uma grandiosa família, encontramos vivos somente as mulheres todos os homens já estão falecidos.

Durante sua vida ajudava as pessoas oferecendo pernoite em sua fazenda aos tropeiros, ranchos, ciganos e andarilhos. Deu estadia para professores, inclusive Dona Albertina que ainda está viva e mora no município da Serra. Também dava estadia para dentistas e

padres. Nos festejos do Padroeiro São Roque era um dos melhores leiloeiros e quem mais animava as festas. Doou parte do terreno para fazer o cemitério antigo.

Muitas coisas acontecem em nossa vida e não conseguimos compreender a razão e sempre nos sentimos vítima do destino. Seu Atílio levava a vida diferente sempre gostava de arriscar, mesmo sem saber no que dar, e se tivesse que voltar ao começo voltava sem vergonha e medo de ser feliz. Mudar para ele era recomeçar e ter novos sonhos para



construir, mesmo sendo frustrado ele continuou criando seus filhos e educando da melhor forma possível. Sua inquietação era pessoal, pois não conseguia ver a vida passar e ele sempre estático esperando a morte. Sua vida foi rica o suficiente para fazer uma família de 10 pessoas todas às noites felizes.

“A recordação é o perfume da alma. É a parte mais delicada e mais suave do coração, que se desprende para abraçar outro coração e segui-lo por toda a parte.”

(George Sand)

Visão da criança/adolescente:

Hoje em dia as famílias não têm tantos filhos como tinham na época da história.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Inês Regatieri Roldi;

Como é conhecido: Dona Inês;

Ocupação/Profissão: Dona de Casa;

Onde Nasceu: Bairro São Roquinho – São Roque do Canaã;

Desde quando mora na localidade: Há 44 anos;

Idade: 62 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Branca;

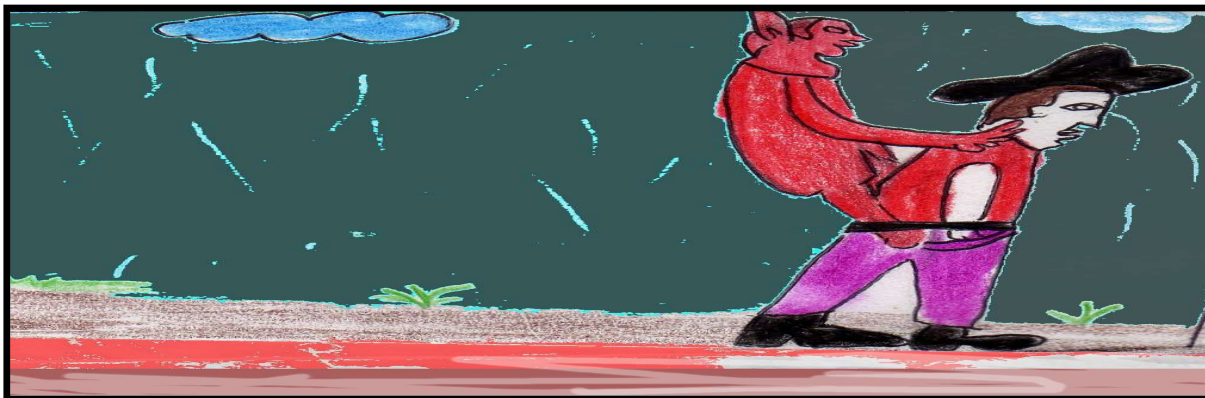
Função que desempenha no caso: Narradora.



CONTOS

O conto é uma obra de ficção que cria um universo de seres e acontecimentos, de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo. Em Angola e Moçambique é comum o termo estória para se referir a conto. Classicamente, diz-se que o conto se define pela sua pequena extensão. Mais curto que a novela ou o romance, o conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. Num romance, a trama desdobra-se em conflitos secundários, o que não acontece com o conto. O conto é conciso.

7. O capeta existe



Local: Córrego Santa Rosa;

Área de abrangência: Todo Município;

Personagens envolvidos: Antenor Bonatto, Zé Gonçalves, - o benzedor, a porca e o capeta;

Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Ilustração: Pedro Dalbem.

Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

Um dia de tarde o Antenor Bonatto foi chamar o Zé Gonçalves que era benzedor, para benzer a bicheira de uma porca. Pois esta porca era muito estimada pela família. Eles a criavam desde bem pequena, não queriam que ela morresse por causa da bicheira, pois



pretendiam ficar com ela durante muitos anos. Muito doente a porca estava precisando dos cuidados. Seu Zé Gonçalves, que tinha uma oração e curava tudo que é tipo de doença nos bichos, era benzer que o bicho já saía bom mesmo, mudava até de atitude. Se tivesse caída, levantava, se não pudesse andar direito saía

quase que correndo. Sempre foi assim; o Seu Zé Gonçalves, um grandioso homem, procurado por muitas pessoas aqui em São Roque.

Mas o benzedor tinha uma grande cisma, diziam que ele não gostava de andar à noite, pois como tinha o poder da oração, coisas o perseguiram. Só iria se fosse de dia, pois sendo sexta feira, anoitecendo, ele deveria estar em casa, rezando e fazendo seus afazeres.

Mas a porca estava muito mal e seu Antenor Bonatto temia que a mesma não amanhecesse



viva, caminhou até a residência de seu Zé Gonçalves, conversou bastante com ele, falou sobre a estima que tinha do animal, pediu, pediu... Até prometeu que levava seu Zé de volta pra casa, caso ele fosse benzer a porca.

Depois de muita conversa seu Zé resolveu sair de casa e acompanhar seu Antenor, pois era um homem de coração bom e ficava tocado sempre que alguém vinha até sua casa pedir algo, de qualquer forma acabava ajudando.

Seu Zé Gonçalves chegou a casa de seu Antenor depois das 4 horas da tarde, conversou com o pessoal da casa, falou da chuva, da colheita do café, disse que este ano a colheita seria boa, todos riam com as previsões de seu Zé, mas também tinham imenso respeito pelo sabedoria e pelo poder da cura.



Seu Antenor interrompeu a conversa e pediu logo o benzimento da porca, pois estava receoso que ela chegasse a morrer logo. E assim foi, seu Zé dirigiu-se para o chiqueiro, pegou uns ramos de capim santo e outras plantas que só ele sabia. Sempre dizia que era um mistério e ele tinha uma luz sobre qual o tipo de ramo pegar. Benzeu a bicheira da porca, que estava muito feia e colocou um pouco de pomada que ele fazia com um monte de raízes. O medicamento tinha um cheiro muito forte que chegava a arder os olhos. Depois ele rezou em silêncio suas orações atrapalhadas e falou que em uma semana a porca estaria curada.



Depois de todo ritual, seu Zé Gonçalves foi para casa acompanhada por seu Antenor.

Quando Antenor, dono da porca, estava vindo embora, formou um temporal danado com relâmpagos e trovoadas. A chuva caía e deixava tudo escuro, quase não se via nada, nem sequer um palmo a frente. O caminho estava escuro e sombrio. Tudo era suspeito, os galhos

de árvores que quebravam, o vento forte, o som dos trovões, a chuva que caía em pedras de gelo, que molhava e deixava mais tenebroso o percurso. Seu Antenor já estava arrependido de ter ido levar seu Zé Gonçalves em casa, pois parecia que o caminho de volta estava mais longo e ele morria de medo ao atravessar a mata.

Seu Antenor não tinha modos, falava muita blasfêmia e quando estava com medo ficava desnorreado. Por estar vivendo aquela situação começou a “bestiemark”. Quando de repente algo inacreditável aconteceu, sentiu algo de seu lado, olhou para todos os lados e não viu nada. Falou um palavrão, com isso sentiu algo montar em suas costas, alguma coisa pesada, arranhando, fazendo dele um cavalo de carga. Ele saiu correndo, sentindo as chicotadas em seu corpo, pois elas vinham por todos os lados, e doía igual queimaduras.



Quando estava próximo de casa, viu a luz do candeiro aceso, e o peso saiu das costas. Ele entrou apavorado em casa, gritando e falando pra todo mundo o que tinha acontecido com ele. No momento acharam que era uma mentira dele, mas as marcas das chicotadas nas costas eram o sinal que tinha acontecido mesmo. Era verdade! Seu Antenor só conseguiu dormir realmente 3 dias depois do acontecido. No sexto dia, seus cabelos caíram todos, ele ficou careca, como se alguém, à noite, tivesse arrancado todos os cabelos, um a um.

Dizem que era o capeta que montou nele, porque ele o chamou!



Até hoje o povo se empolga quando conta este acontecimento, pois marcou muito vida de Seu Antenor. Este mesmo vivia falando pra todo mundo o que tinha acontecido com ele. Esta experiência mostra com devemos respeitar e não falar coisas feias. Nunca sabemos quem está próximo, a nós, ouvindo. Principalmente não chame, nenhum benzedor, na sexta feira, à tarde para benzer uma bicheira de uma porca, pois algo pode acontecer...

O benzimento é um Dom que envolve certo mistério e isso ajuda a mistificar esta prática.

Como todos nós temos certo medo do desconhecido nesta história o medo é o princípio motivador.

Santa Rosa é uma região alta e forma uma depressão muito brusca talvez isto faça com que forme correntes elétricas, pois frequentemente é atingida por raios, pode ser o que ocorreu com o Antenor Bonatto.



“Os casos antigos são bons para não esquecer, já que tudo isto é apenas contado e ninguém nunca registrou.” (Roberto Camilo Mantovani)

Visão da criança/adolescente:

Esta história pode ser verdadeira porque aconteceu tanta coisa!

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Roberto Camilo Mantovani;

Como é conhecido: Beto;

Ocupação/Profissão: Lavrador;

Onde Nasceu: Córrego Santa Rosa;

Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu (1972);

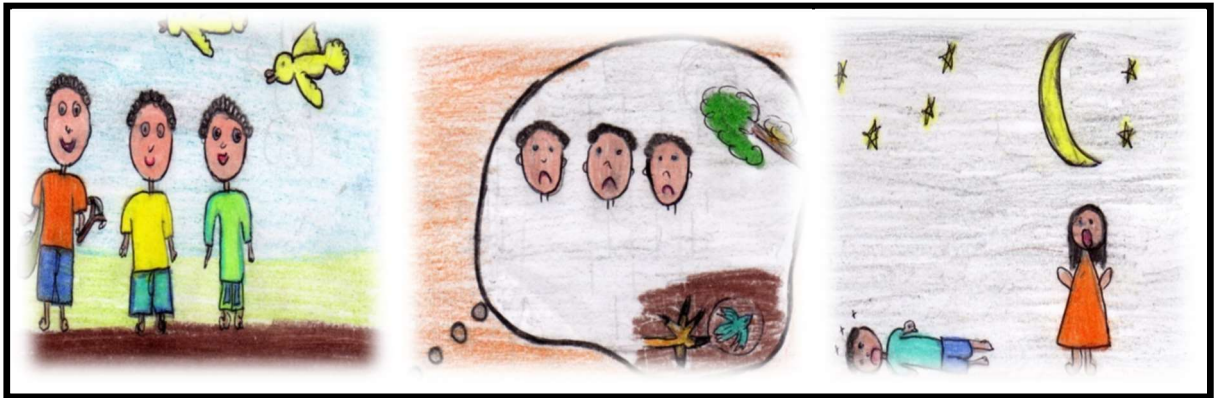
Idade: 34 anos;

Sexo: Masculino;

Raça/Etnia: Branco;

Função que desempenha no caso: Narrador.

8. A caçada



Local: Córrego Santa Rosa;

Área de abrangência: Santa Rosa;

Personagens envolvidos: Antônio Mantovani, a andorinha, o ninho, o coleirinho, e os marimbondos;

Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Ilustração: Caroline de Souza Ronconi.

Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

A caçada era uma aventura que os meninos adoravam. Às vezes eles saíam em bandos e ficavam o dia todo fora de casa, muitas vezes imaginavam que a caçada seria rápida, mas o



dia ia passando e quando se davam conta, já estava quase anoitecendo. Neste período eles aproveitavam para tomar banho de rio, pescar, subir em árvores e brincar bastante.

Antônio Mantovani era um adolescente muito inquieto, e sua diversão era igual a dos outros meninos. Sua maior preferência era caçar

os passarinhos. Gostava dos maiores, pois era mais fácil de acertá-los com sua seta. Quando ele queria caçar, acordava cedo, preparava seu embornal, feito de pano e uma alça comprida, sua seta e muita munição.

A seta é um estilingue, feito do galho da Leitera, um arbusto que apresenta em suas ramificações esse tipo de gancho, não se conhece outro arbusto ou árvore na região que apresenta tal forma e tal resistência, pois não quebra! É encontrada em grande parte nos pastos. Não existia criança ou adolescente que não conhecesse a Leitera. Ela recebia este nome porque na hora que cortávamos seus galhos, saía um líquido viscoso e esbranquiçado igual leite, mas se esse tocasse na pele queimava muito, causava coceira e irritação. Para

confeção do estilingue, corta-se o galho, raspando a casca verde, até chegar ao caule, depois de três dias amarra-se a borracha e o couro para fazer o estilingue.

Sempre tinha muita complicação em conseguir a munição apropriada, daí então certos meninos aproveitavam a inocência das meninas e as mandavam ajuda-los fazendo munição para a caçada. Antônio era muito esperto e quando via que tinha pouca munição no embornal usava de sabedoria com suas irmãs. Colocava-as para ajudar a fazer pelota. Elas iam buscar terra bem vermelha, faziam uma liga misturando com água, amassando igual massa de pão, depois elas iam fazendo as bolinhas com as mãos. Eram tão habilidosas e caprichosas que todas saiam iguaizinhas! Finalizando elas cavavam um buraco no chão e ascendiam o fogo em cima para assar as pelotas. Lá elas ficavam trabalhando quase a manhã toda, assando as bolinhas de barro. Fazer pelotas pra Antonio era muito chato, ele deixava o serviço sujo para as irmãs, pois sempre acabavam todas sujas dos pés ao pescoço. Na hora de ir caçar, elas queriam acompanhá-lo, mas ele nunca deixava. Por que caçar era coisa de menino.



Antonio não gostava de caçar acompanhado, pois indo acompanhado as meninas iriam atrapalhá-lo. Silenciosamente ele entrava na mata, como um leopardo, sorrateiro e feroz. Disfarçava-se muito bem, quando estava caçando, não se via nem a sombra do garoto. Era de estatura medida e franzina, e passava em qualquer lugar. Ficava camuflado igual um camaleão, entre as folhas dos arbustos, era muito experiente no que fazia. Ninguém era astucioso igual, pois matar passarinho exigia muita disciplina e concentração da pessoa, a cada barulho, o bicho voava e adeus viola, teria que andar bastante para encontrar novamente os pássaros.



O tipo que ele mais gostava de caçar era Rolinha, Juriti, Bem-ti-vi, Pombo, Andorinha, Sabiá. Mais quando não acha essas aves ele matava tudo que passasse em sua frente, até Coleirinhos, Canários ou Beija-Flor, sua mira era certa, a pelota rasgava o vento e ia direto na cabeça da ave, arrancando-a fora. Quase nunca errava, e isso o deixa feliz da vida.

Um dia estava caçando, tinha saído cedo de casa, e estava exausto de tanto correr atrás de passarinho, mas como gostava de fazer aquilo e não tinha pegado nada ainda, tinha que continuar até matar algum, não ia voltar pra casa de mãos abanando. Já tinha passado quase que o terreno todo de sua casa e o pasto de seu vizinho, quando estava do outro lado, lembrou do ninho da andorinha que tem no

fundo do paiol velho, e correu atrás. Ela estava voando procurando o que comer, viu a pobrezinha parar no ninho e ele preparou a seta, colocou a pelota e atirou, a pelotada foi igual uma bala, de tão forte, derrubou a andorinha no chão e o ninho também. Mas a andorinha estava ainda viva, de raiva ele arrancou todas as penas da pobrezinha, cavou um buraco no chão e a enterrou viva, deixando só a cabeça fora da terra, depois que maltratou muito a ave, matou pisando em sua cabeça. Depois correu para ver o que tinha no ninho, dentro dele encontrou três ovos, ele pegou os ovos e atirou nas paredes do paiol. Que grande covardia! Pegou a andorinha morta e colocou em seu embornal.



Continuou sua caçada próximo ao cafezal de sua família, ele avistou de longe uma rolinha, que estava sozinha, e resolveu abatê-la também, já que não tinha conseguido nada durante



o dia. E sorrateiramente, aproximou-se para abater a presa indefesa, preparou a seta, com uma pelota redondinha, abaixou-se perto de um pé de café, e quando ia atirar algo estranho aconteceu, um galho de café com uma casa de maribondos caiu em cima dele, e os maribondos furiosos atacaram. Jogou tudo pro alto, e saiu correndo igual um louco, gritando alto e forte, arrancou a camisa, os insetos picaram o seu corpo todo, parecia

raiva da natureza para o que ele pretendia fazer. Encravaram o ferrão bem forte em seu pescoço, até ele se jogou no chão, depois de se bater muito com a camisa, os maribondos foram embora, e ele desmaiou, ali mesmo, ficando todo ferruado. Sua mãe ouviu o alvoroço e correu para ver o que tinha acontecido com o garoto, e encontrou-o no chão, todo picado por maribondo. Ela o acordou, mas ele estava muito surpreso com tal acontecimento.





Quando foi dormir mais tarde, viu pelos buracos dos tijolinhos da casa, três cabeças que ficavam olhando para ele e um bicho que vinha pegá-lo, o bicho pegava-o pelo pescoço e o segurava forte, tentando enforca-lo, cravava suas unhas imensas no pescoço do garoto e só o soltava quando ele gritava. E via o ninho da andorinha, a andorinha viva sendo enterrada por ele, os ovos escorrendo pela parede do paiol e todas as outras maldades que ele fez, era apresentado o seu sonho. Logicamente ele estava sonhando com as “artes” que ele aprontou durante o dia. O bicho não o

soltava, ele só estaria solto se acordasse.

Depois daquele dia, nunca mais ele atirou em nenhum passarinho. Passando a matar somente quando precisava mesmo, pois no fundo ele tinha dó de matar os bichos. E com o susto achou que era coisa dodemônio. Isto tudo se passou em uma época, em que havia pouca comida, não tinha energia elétrica e o comércio era distante. Quando a gente faz uma coisa errada a consciência pesa. Esta foi a lição que o Antônio Mantovani teve do demônio.

“Cada um tem a idade do seu coração, da sua experiência e da sua fé.” (George Sand)

Visão da criança/adolescente:

Hoje em dia a vida é bem mais fácil. Antigamente as famílias sobreviviam da terra, da caça e da pesca e as pessoas tinham que se virar de qualquer jeito! Para não morrem de fome.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Roberto Camilo Mantovani;

Como é conhecido: Beto;

Ocupação/Profissão: Lavrador;

Onde Nasceu: Córrego Santa Rosa;

Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu (1972);

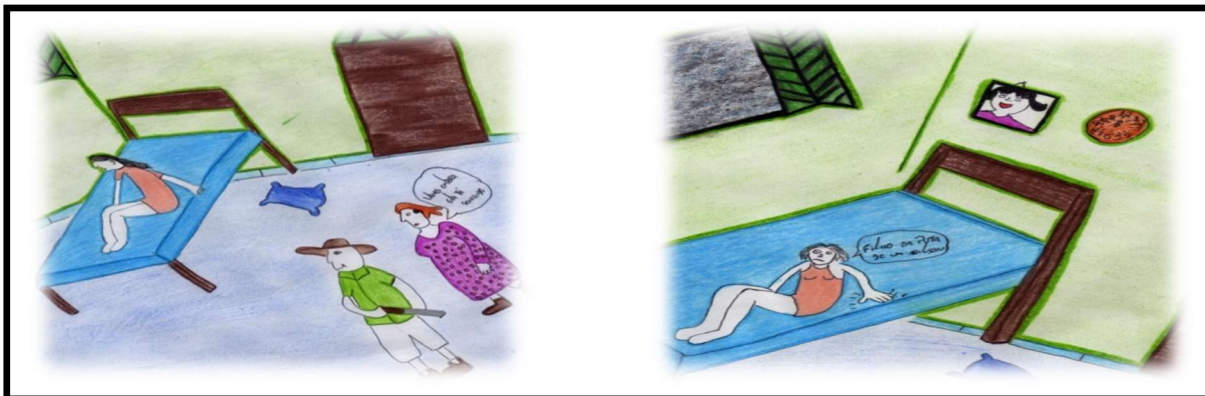
Idade: 34 anos;

Sexo: Masculino;

Raça/Etnia: Branco;

Função que desempenha no caso: Narrador.

9. As almas



Local: Córrego Santa Rosa;

Área de abrangência: Todo Município;

Personagens envolvidos: Arlete Bonatto, sua filha e um velho;

Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Ilustração: Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;

Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

A religiosidade é algo muito forte em nosso município e aos vários acontecimentos sempre tinha uma visão espiritual. Certa vez uma menina estava prestes a completar 13 anos de idade, com isso várias transformações começaram a acontecer em seu corpo, por causa da adolescência.

Adilson era um jovem muito inquieto e sempre costumava brincar e fazer várias insinuações para as moças. Contudo tinha uma certa menina que o chamava atenção e ele sempre ficava no pé dela, ia para um lado, ia para outro e sempre corria, escondia suas coisas, era uma perturbação só. Deixava essa menina bastante agitada e com os nervos a flor da pele.

Com isso a menina começou a ter pesadelos e a gritar bastante quando dormia. Chegava a acordar toda a casa, falava que estava vendo um monte de coisas, bichos e almas por todos os lados, tinha muita febre e muita tontura. Os pais estavam preocupados, mas como ela estava como o corpo sofrendo mudanças não deram ouvidos. Certa noite, ela acordou falando algo: “Filho da puta de um Adilson”.

Narra sua mãe: “Nos levantamos e fomos ao quarto dela, ainda abrimos a janela e não vimos nada. Então pensamos que ela estava sonhando, mas a história continuou”. Era preocupante e achávamos que o Adilson estava fazendo algo com ela, conversamos com



ela e ela não lembrava de nada, era assustador a modo que a menina acordava e gritava para todos os lados. Ela ficava gelada e às vezes fazia suas necessidades na cama, de tanto medo.

No outro dia, com ela algo muito estranho aconteceu, acordou gritando novamente, mas falando de um homem. Que enquanto ela dormia, ele puxava o seu travesseiro e seu lençol, e de medo começava a gritar.



“Nós corríamos até no quarto e não víamos nada, só o travesseiro no chão, mais ela dizia que estava vendo um velho com as mãos compridas em pé na janela. Isso se repetiu por muitos dias, levamos-a no tratador, trouxemos o benzedor aqui, e depois a levamos para Cachoeiro. Ela tomou muito remédio.

Certa vez o padre veio aqui e pedimos para rezar pelas as almas, para que o velho sumisse. E foi o que aconteceu, de fato sumiu, e nós rezamos para alma dele até hoje.”

A filha que provavelmente estava passando pela menarca, desenvolveu um quadro depressivo. Mas pela falta de conhecimento e até mesmo da medicina, por aqui naquela época era mais fácil acreditar que era a alma do velho que aparecia para ela. Até hoje a filha não fica no quarto se a janela estiver aberta.

“Ninguém nunca se interessou pela minha história, e por ser verdadeira deve ser registrada. Esta manifestação é muito importante.” (Arlete Bonatto)

Visão da criança/adolescente:

É inacreditável presenciar a ingenuidade de pessoas tão caprichosas. Conhecedoras da Palavra de Deus e de seus afazeres diários. A fé os guia pelos caminhos da vida. Nós não podemos xingar, devemos rezar e ter fé em Deus.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Arlete Bonatto;

Como é conhecido: Arlete;

Ocupação/Profissão: Dona de casa;

Onde Nasceu: Córrego Santa Rosa;

Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu;

Idade: 57 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Branca;

Função que desempenha no caso: Narradora.



LENDAS

Lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos.

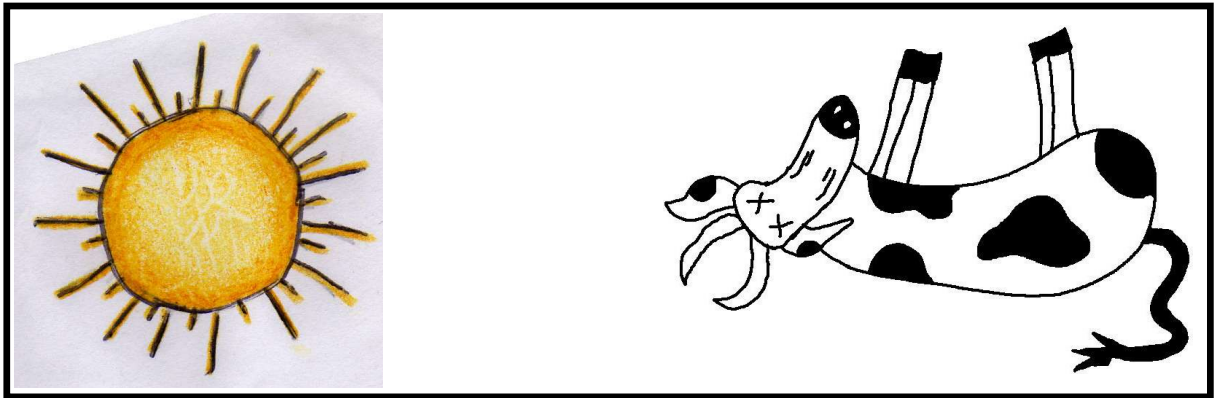
De caráter fantástico e/ou fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irreais que são meramente produto da imaginação aventureira humana. Uma lenda pode ser também verdadeira, o que é muito importante.

Com exemplos bem definidos em todos os países do mundo, as lendas geralmente fornecem explicações plausíveis, e até certo ponto aceitáveis, para coisas que não têm explicações científicas comprovadas, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais. Podemos entender que lenda é uma degeneração do Mito. Como diz o dito popular "Quem conta um conto aumenta um ponto", as lendas, pelo fato de serem repassadas oralmente de geração a geração, sofrem alterações à medida que vão sendo recontadas.

Lendas no Brasil são inúmeras, influenciadas diretamente pela miscigenação na origem do povo brasileiro. Devemos levar em conta que uma lenda não significa uma mentira, nem tão pouco uma verdade absoluta, o que devemos considerar é que uma história para ser criada, defendida e o mais importante, ter sobrevivido na memória das pessoas, ela deve ter no mínimo uma parcela de fatos verídicos.

Muitos pesquisadores, historiadores ou folcloristas, afirmam que as lendas são apenas frutos da imaginação popular, porém como sabemos as lendas em muitos povos são "os livros na memória dos mais sábios".

10. Boi de aleluia



Local: cabeceira do Militão;
Área de abrangência: Cabeceira do Militão, Sagrado Coração de Jesus e São Jacinto;
Personagens envolvidos: Três homens, a velha e um boi;
Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;
Ilustração: Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;
Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

Há tempos atrás, aqui no município de São Roque do Canaã, morava uma família muito católica. Nesta família sempre existia um grande costume de guardar os dias santos, sem trabalhar, o que ocorre principalmente na época da quaresma e semana santa, até o domingo de páscoa.



No sábado de aleluia, o pai, seu filho mais velho de 19 anos e o sobrinho de 16, foram ao pasto atrás de um boi para sacrificá-lo, pois estavam querendo fazer um grandioso churrasco no Domingo de Páscoa! Foram ao pasto, correram atrás de um boi malhado de marrom com branco com uma pinta preta na cara. Era um boi meio pequeno e estava meio magro, mas como não tinham outro melhor em sua propriedade escolheram aquele mesmo. E laçaram o bicho. Mas depois que amarraram o bicho no tronco, a velha da casa gritou da cozinha!

“Vocês devem ter muito cuidado, pois pode acontecer alguma coisa muito ruim com vocês, é bem capaz do bicho não morrer.”

O pai que era um italiano teimoso disse: Não vai morrer? Que nada... Ele vai ver o que é a ponta da minha faca daqui a pouco.

E ela respondeu: “Pois eu nem quero ver, vou para sala rezar para as almas de vocês, que por certa estão amaldiçoadas, quem já viu matar um bicho vivo no sábado de aleluia.”

Daí então o homem voltou com a lança na mão e enfiou no coração do Boi, de uma vez, e tirou em seguida. Você sabe o que aconteceu?

Aconteceu que não saiu nem um pouquinho de sangue do bicho. Nem uma gota para contar história. O filho do homem e o sobrinho se ajoelharam na hora e começaram a tremer de medo. O homem, de coração, mandou os rapazes levantarem e pegarem o boi com força, eles tinham que ser macho de verdade. Pegou a faca e cortou o pescoço do boi e mais uma vez aconteceu que nem uma gota sequer de sangue saiu do boi. O homem ficou com raiva, xingo, blasfemou, chamou aqueles nomes feio e foi no paiol, ligou a guilhotina, e cortou de uma vez a cabeça do boi separando-a do corpo.

O bicho não caiu e saiu andando. Todo mundo que estava perto saiu correndo. O homem, principalmente, saiu gritando e chorando, entrou na casa pela cozinha e fechou a porta. Ouvia-se um barulho no lado de fora, era a chuva que havia começado na mesma hora com bastantes trovões e relâmpagos. A chuva caía na casa como um monte de capetas prontos para atacar. Era assim que a velha falava, e todos na casa rezaram a tarde e a noite toda, para Deus perdoar o pecado de ter matado um boi no sábado de aleluia. Dizem que o boi andou o sábado inteiro e só foi morrer mesmo no domingo de páscoa!

O medo foi tanto que parecia que o boi corria furiosamente atrás deles. Dizem que o boi só foi encontrado morto no Domingo de Páscoa todo ensanguentado.

Dentro da religião Católica antigamente não sacrificava nenhum animal entre os dias da morte e ressurreição de Cristo.

O respeito era tão grande que ninguém trabalhava. Não se varria nem a casa, caso precisasse varrer juntava-se o lixo no canto. Esta fé foi-se perdendo e hoje por influência dos meios de comunicação, o povo de modo geral modernizou-se. E se resta muito pouco dessa cultura antiga.

“Sábado de Aleluia, conhecido também como Sábado Santo, ou Sábado Negro, é o dia seguinte à Sexta-Feira Santa e anterior à Páscoa. É o último dia da Semana Santa, na qual os cristãos se preparam para a celebração da Páscoa. Nele se comemora o dia que o corpo de Jesus Cristo permaneceu sepultado no túmulo. Para alguns cristãos, particularmente os católicos, foi neste dia que a Virgem Maria, como Nossa Senhora das Dores, recebeu o título de "Nossa Senhora da Solidão", uma referência ao profundo sentimento de solidão associado ao seu luto e tristeza.” (Wikipédia)

Visão da criança/adolescente:

Isso deve ser verdadeiro, porque quando se mata um pato, se soltá-lo ele anda sem a cabeça e também não se pode duvidar das coisas de Deus.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Lucas Geremias;

Como é conhecido: Geremias;

Ocupação/Profissão: Agricultor;

Onde Nasceu: cabeceira do Militão;

Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu;

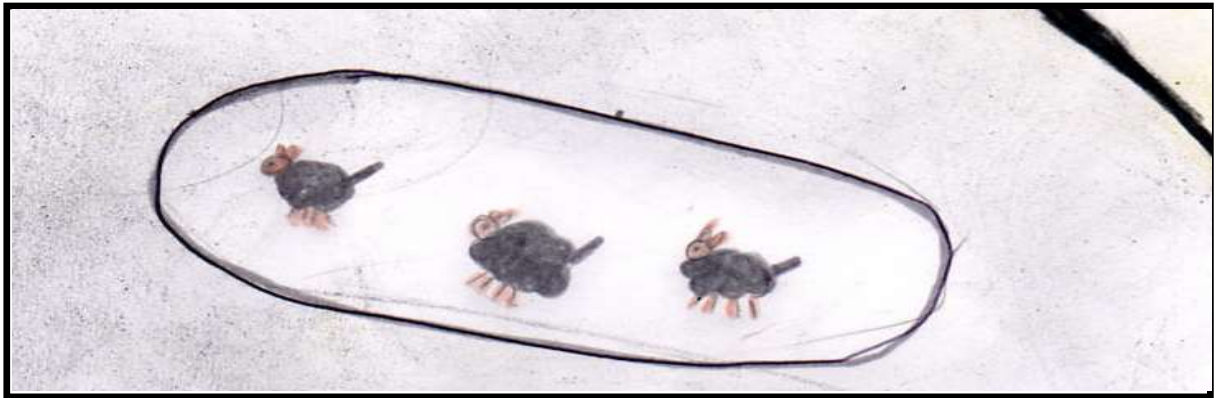
Idade: 45 anos;

Sexo: Masculino;

Raça/Etnia: Pardo;

Função que desempenha no caso: Narrador.

11. Os três carneirinhos da pedra misteriosa



Local: Córrego do misterioso;
Área de abrangência: Todo Município;
Personagens envolvidos: Carneirinhos e a pedra;
Autor (pesquisador): Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;
Ilustração: Alunos das séries finais do ano letivo de 2008;
Escola: EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”.

No Córrego Misterioso existe uma pedra muito grande e que segundo a lenda, antigamente, carneiros percorriam esta pedra. Apesar de ser de difícil acesso, os carneirinhos arriscavam suas vidas para subi-la.

Em uma dessas subidas três carneirinhos ficaram presos em um buraco escavado no meio da pedra.

De acordo com a história, a pedra era mágica e os três carneirinhos foram transformados em pedras que brilham durante a noite, iluminando os viajantes e fazendo um ambiente de mistério e magia.



Esta história permanece por várias gerações, o que levou a pedra a receber o nome de “Pedra do Misterioso”, por ser um mistério a história dos carneirinhos, e como é difícil acesso para a população chegar até o local onde se encontra “o mistério”, de longe vemos a imagem de três carneirinhos.

“As crianças e adolescentes carregam esta lenda como uma herança de seus pais e avós, ficando em cada uma a tentativa e a imaginação para descobrir este grande mistério.

(Tia Lai)

Visão da criança/adolescente:

Eu acho que é verdade porque dá pra ver certinho os três carneirinhos dentro da pedra.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Laírde Maria Rossi;

Como é conhecido: Tia Lai;

Ocupação/Profissão: Aposentada;

Onde Nasceu: São Roque do Canaã;

Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu;

Idade: 67 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Branca;

Função que desempenha no caso: Narrador.

12. O CAIXÃO BRANCO



Local: São Francisco de Assis;

Área de abrangência: Comunidade de São Francisco de Assis;

Personagens envolvidos: Família de meeiros, a avó e uma criança;

Autor (pesquisador): Luanna Bridi;

Ilustração: Luana Bridi e Juliana Nogueira Moura;

Escola: EMEIEF “Luiz Mônico”

No terreno do meu bisavô conta-se que havia uma família de meeiros que tiveram um filho que morreu ao nascer, e que lá o enterraram, perto de onde moravam. Ao passar do tempo construíram uma casa no lugar onde ele foi enterrado. Muitas pessoas que lá moravam, falavam que viam um caixão branco, com uma vela em cima. Minha avó, que morou lá por muito tempo me disse que viu esse tal caixão e que a fechadura da porta se movia sozinha. Ela contou ainda que isso ocorreu, pois a criança fora enterrada sem batizar.



Visão da criança/adolescente:

Eu achava que era mito, mas minha avó falou que era verdade, então se ela falou eu acredito, e como ele foi enterrado sem ser batizado, isso pode ser verdade.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Lucila Zenaide Sbardelotti Bridi;

Como é conhecido: Lucila;

Ocupação/Profissão: Dona de casa;

Onde Nasceu: Várzea Alegre;

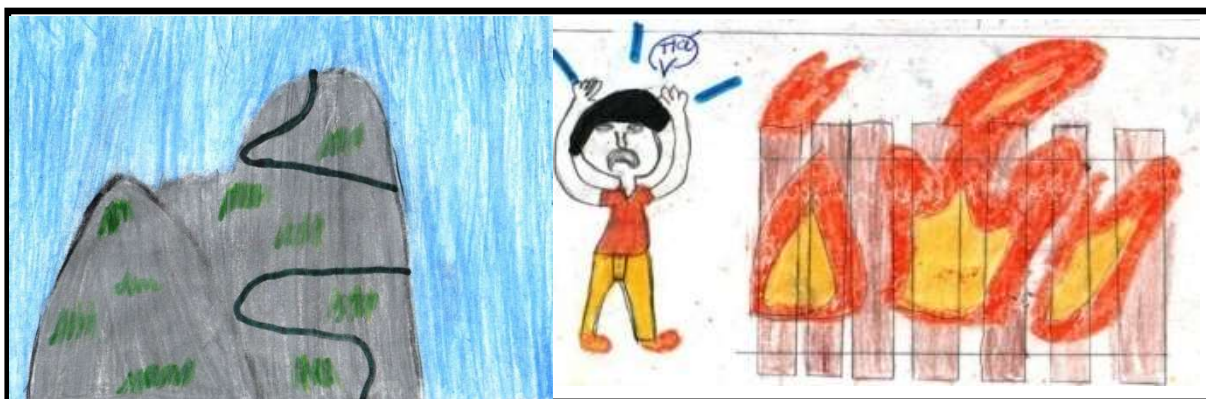
Desde quando mora na localidade: Desde 1965;

Idade: 65 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Italiana;

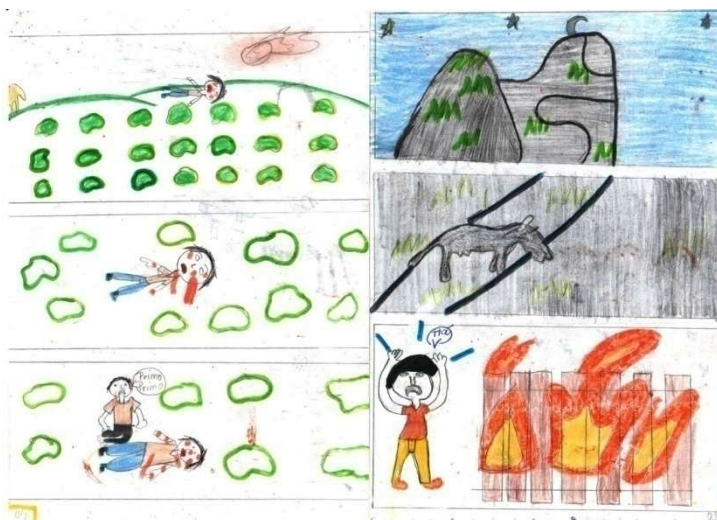
13. O MISTÉRIO



Local: São Francisco de Assis;
Área de abrangência: Comunidade de São Francisco de Assis;
Personagens envolvidos: O homem, a vaca, o cavalo e o primo;
Autor (pesquisador): David José Lopes de Castro, Luis Carlos Oliveira de Almeida, Marciana de Oliveira dos Santos, Renan Demuner Gramelisch;
Ilustração: Marciana de Oliveira dos Santos;
Escola: EMEIEF “Luiz Mônico”

Conta uma lenda que sempre que anoitecia, algumas pessoas presenciavam a subida de uma vaca preta de chifres brancos na pedra do misterioso. Isso aconteceu há muito tempo e era assustador. Houve também um caso de um mata-burro que saía fogo e fazia as pessoas ficarem com muito medo.

Em uma certa noite, um homem passou por aquele lugar e ficou assustado ao ver a bola de fogo. Apanhou sua arma e atirou na intenção de matar aquela coisa tenebrosa, mas o tiro se voltou contra ele. Ele, muito assustado, caiu do cavalo e desceu rolando pelo cafezal a baixo. Seu primo, depois de um tempo, o encontrou com o rosto ensanguentado e não encontrou nada sobre bicho tenebroso embaixo do mata-burro.



Visão da criança/adolescente:
Isso pode acontecer de verdade e as pessoas podem se assustar, já que o Senhor Valdir disse.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Valdir valger;

Como é conhecido: Alemão;

Ocupação/Profissão: Lavrador;

Onde Nasceu: Jacutinga;

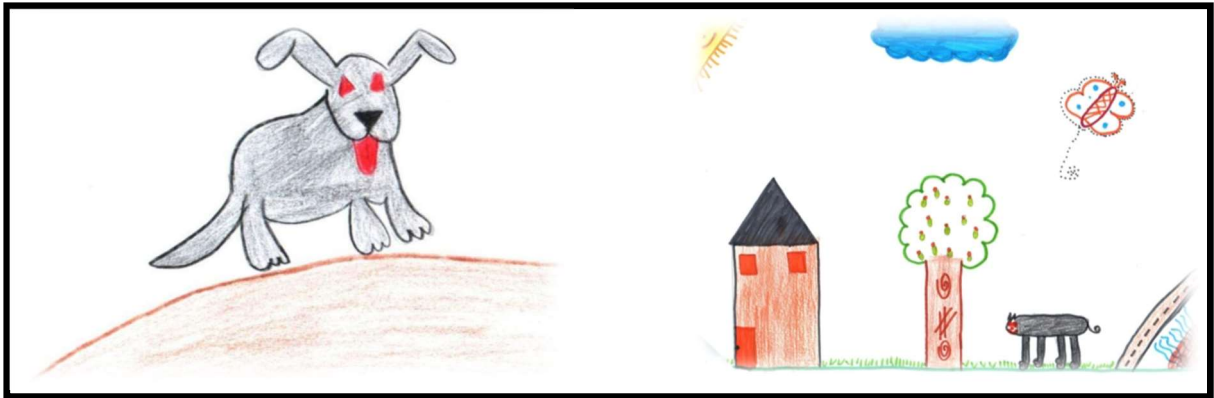
Desde quando mora na localidade: Há 03 anos;

Idade: 60 anos;

Sexo: Masculino;

Raça/Etnia: Branco;

14. O CACHORRO PRETO



Local: São Francisco de Assis;
Área de abrangência: Comunidade de São Francisco de Assis;
Personagens envolvidos: Uma família e o cachorro preto;
Autor (pesquisador): Andrielly Carlini Lirio;
Ilustração: Letícia Torezani Bregonci e Andrielly Carlini Lirio;
Escola: EMEIEF “Luiz Mônico”

A lenda do cachorro preto é muito popular, conhecida por várias pessoas que moram em Alto Misterioso - Jacutinga. A lenda fala sobre um cachorro preto de olhos vermelhos e grandes. O cachorro ficava em um pé de manga numa casa. Nessa casa havia uma família que brigava muito, discutia muito. Com o passar do tempo, todos da família foram morrendo e o cachorro também morreu. Então, daquele dia em diante, o cachorro começou assombrar as pessoas que passavam por ali. Quem brigava, o cachorro saía da casa assombrada e ia até elas e as matava, jogando-as na areia movediça, e as pessoas morriam enterradas na areia.



Visão da criança/adolescente:

Aconteceu mesmo, minha avó conta que existe mesmo a areia movediça, pois uma vez um homem passou a cavalo sobre a areia e ficou preso nela.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Ivanete Maria Carlini Lirio;
Como é conhecido: Nete;
Ocupação/Profissão: Dona de casa;
Onde Nasceu: Itarana;
Desde quando mora na localidade: 39 anos;
Idade: 39 anos;
Sexo: Feminino;
Raça/Etnia: Branca;

15. ESTRADA DO MISTERIOSO



Local: São Francisco de Assis;
Área de abrangência: Comunidade de São Francisco de Assis;
Personagens envolvidos: Famílias Ghisolfi, Merlo e Zanetti;
Autor (pesquisador): André Zanetti;
Ilustração: Anthony Seibert e João Vitor Nunes;
Escola: EMEIEF “Luiz Mônico”

A construção da estrada do misterioso começou com a família do Senhor Alberto Ghisolfi. No começo teve grande dificuldade, pois tinham que usar enxada, enxada, picareta, marretas, rodas e brocas para furar pedras, nas quais colocavam munição para explodi-las e assim abrir a estrada. Durante a construção da estrada, o trabalho parou diversas vezes, pois naquela época era tudo braçal.



Várias famílias também ajudaram na construção da estrada, como as famílias: Zanetti e Merlo. Naquela época todas se uniram para construir a estrada, muitas delas ajudaram com almoço e café, outros carregavam pedras e terra para fazer os aterros.

Depois fizeram a construção das pontes que eram confeccionadas com tranças de braúna e estacas de garibu, trazidas pelos carretões puxados pelos bois. Terminada a construção da estrada, foi colocado um cruzeiro Santo, na propriedade da família Ghisolfi, Vitor Zanetti, Colatário Afonso, Palmerino Zanetti, isso há 53 anos. Neste mesmo local foi construído um oratório, onde foi colocado a imagem de São Cristovão. Neste local se encontra a divisa dos municípios de São Roque do Canaã e Itaguaçu e todos os anos a comunidade celebra, no dia 25 de julho uma missa em comemoração ao dia de São Cristovão, que é o protetor dos motoristas.

Esse nome misterioso é devido um capricho da natureza, em uma gruta no alto de uma pedra. Apresenta a imagem de três carneirinhos na fachada da pedra que até hoje desperta curiosidade das pessoas, pois ninguém nunca conseguiu subir lá para descobrir o mistério. Muitos acreditam que a gruta não tem fim, outros dizem que lá dentro pode ter coisas preciosas.

Visão da criança/adolescente:

Isso não é verdade, a pedra parece ser funda, mas não é, eu acho que não tem nada dentro dela.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Lanadoris Buss Zanetti;

Como é conhecido: Lana;

Ocupação/Profissão: Dona de casa;

Onde Nasceu: Itaguaçu;

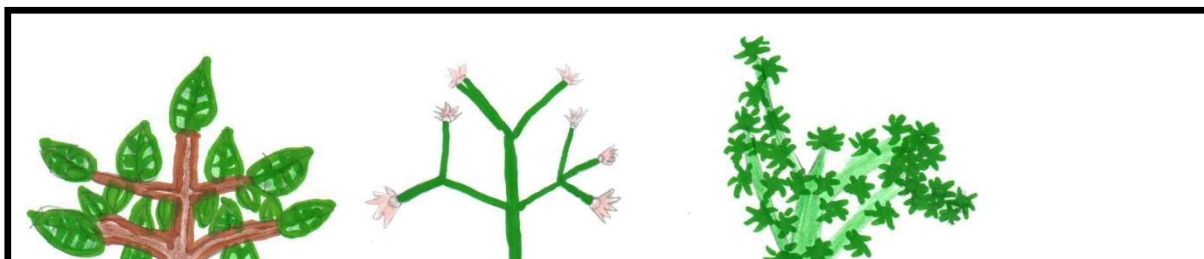
Desde quando mora na localidade: 18 anos;

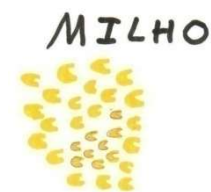
Idade: 41 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Branca;

16. SIMPATIAS





Local: São Francisco de Assis;
Área de abrangência: Comunidade de São Francisco de Assis;
Personagens envolvidos: A avó e a Mãe;
Autor (pesquisador): Paloma Margon;
Ilustração: Leidi Daiani Canisky Stelzer e Luciano dos Santos;
Escola: EMEIEF “Luiz Mônico”.

A mãe da minha avó, realizava várias simpatias e superstições para curar manchas de sol, verrugas e feridas. As plantas que eram de uso medicinal ajudavam muito. Para curar as doenças que citei como galho de mamona, erva Santa Maria, saião, assa-peixe e milho. Mas a principal e mais eficiente era fazer, ao levantar e deitar, a oração do Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, Creio em Deus Pai e Ato de Contrição. Depois, sempre sem nunca esquecer, fazer o Nome do Pai. Minha avó disse que isso ajuda a não tropeçar ou se machucar. Com a fé e a ajuda das plantas medicinais, qualquer doença poderia ser curada.



Visão da criança/adolescente:

Isso funciona, meu colega tinha uma verruga e depois da simpatia ela caiu.

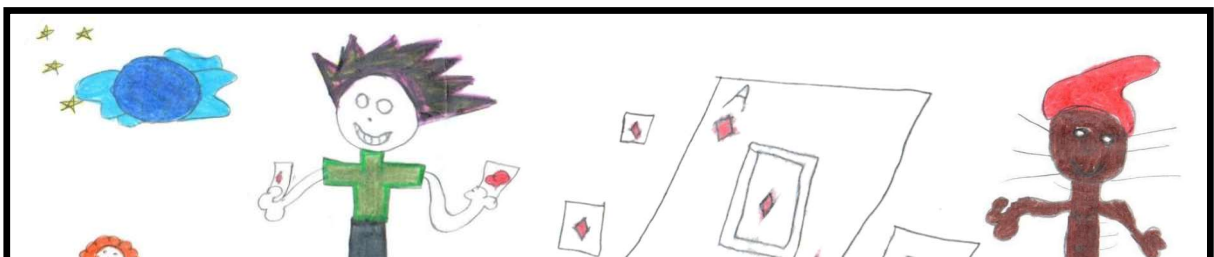
Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Maria Dolores Merlo Margon;

Como é conhecido: Dolores;

Ocupação/Profissão: Dona de casa, Aposentada;
Onde Nasceu: São Francisco;
Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu;
Idade: 59 anos;
Sexo: Feminino;
Etnia: Italiana;

17. O JOGO DE BARALHO





Local: São Francisco de Assis;

Área de abrangência: Comunidade de São Francisco de Assis;

Personagens envolvidos: Ivanete e Leopodina;

Autor (pesquisador): Débora Maria da Silva;

Ilustração: Débora Maria da Silva;

Escola: EMEIEF “Luiz Mônico”

Uma noite dessas, minhas tias Ivanete e Leopodina, foram à casa do vizinho Ademar Pereira, para jogar baralho. Quando elas saíram na porta da casa do vizinho, um homem chamado Aloncio, que fazia muita mágica com baralho falou com as minhas tias:

- Vocês vão encontrar no caminho o Saci!

Quando elas foram embora minha tia Ivanete tropeçou. Ela pensou que tinha pegado na mão de sua irmã, mas não, pegou na mão do Saci. Na hora que ela viu o Saci, perdeu a fala, e sua irmã não o viu, somente ela mesma. Chegando em casa, todos os seus irmãos e seus pais viram que ela estava um pouco assustada e sem voz. Deram água para ela, e assim ela contou:



- Nossa! Eu peguei na mão do Saci quando eu tropecei, que coisa horrorosa. Ele é puro cabelo, com uma touca vermelha na cabeça, olhos avermelhados e com um cachimbo. Ela andou de mão dada até em casa com ele, e sua irmã nem viu. Depois de 2 ou 3 dias, voltaram à casa do vizinho e o Aloncio perguntou a elas:

- Vocês viram o Saci?

A minha tia Ivanete falou:

- Eu vi, mas minha irmã não viu, pois eu não tinha como falar com ela, porque eu perdi a voz quando vi o Saci!

E continuaram a ir à casa do vizinho e não viram mais nada.

Visão da criança/adolescente:

Eu não sabia que existia o saci, e acho que ela se encontrou com ele mesmo, minha tia falo que ele existe mesmo.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Adalila Siqueira Pinto da Silva;

Como é conhecido: Adalila;

Ocupação/Profissão: Aposentada;

Onde Nasceu: Santa Júlia;

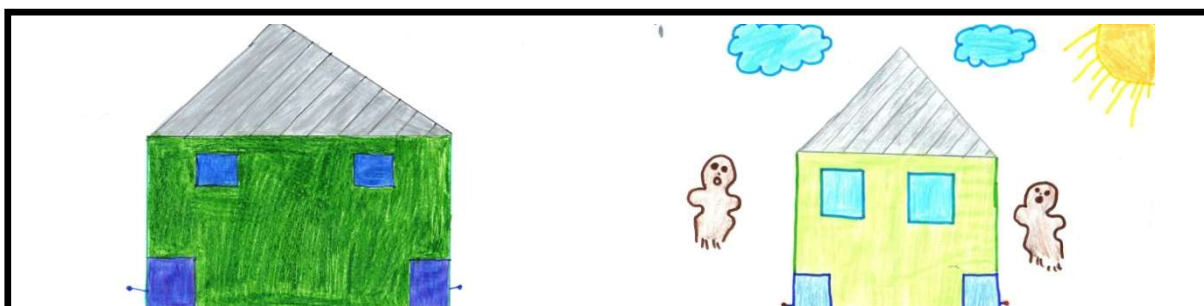
Desde quando mora na localidade: Desde quando nasceu;

Idade: 61 anos;

Sexo: Feminino;

Raça/Etnia: Morena;

18. A CASA MAL ASSONBRADA





Local: São Francisco de Assis;

Área de abrangência: Comunidade de São Francisco de Assis;

Personagens envolvidos: Família e vizinha;

Autor (pesquisador): Eriete Aparecida Vieira dos Santos;

Ilustração: Eriete Aparecida Vieira dos Santos;

Escola: EMEIEF “Luiz Mônico”.

A minha vizinha Elizete, contou para mim e para minha família a história de nossa casa, onde nós moramos hoje. Falou que nossa casa é mal assombrada.

Ela disse que todo mundo que já morou lá, escuta coisas estranhas. Depois que ela contou isso, nós também passamos a escutar muitas coisas estranhas, tipo: vasilhas caindo no chão, portas e janelas se abrindo passos dentro da casa e no quintal, quando nós íamos ver não tinha nada, nem ninguém além de nós, lenha do fogão caindo no chão, etc.. Mas quando nós íamos ver não tinha nada de estranho, pois, nós havíamos guardado todas as vasilhas, lenha e fechamos todas as portas e janelas antes de ir dormir.

Ela também contou ainda que a família que morou lá antes de nós viu um homem todo de branco com uma vela na mão andando pela casa.

Como nossa casa é de assoalho, ou seja, de tábuas, minha mãe foi a primeira que viu uma luz amarela saindo debaixo do assoalho, e quando ela foi ver não tinha ninguém. Depois de uns 15 dias meu pai também viu a mesma luz amarela saindo debaixo do assoalho, mas aconteceu a mesma coisa que aconteceu com a minha mãe, ela foi ver e não havia nada, nem ninguém lá debaixo. É ninguém entendeu o significado dessa luz. E o mistério da casa continua

Visão da criança/adolescente:

A casa mal assombrada é a casa onde eu moro atualmente, é hoje essas coisas não acontecem, mas não.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Elizete Arndt Bridi;

Como é conhecido: Lizete;

Ocupação/Profissão: Lavradora;

Onde Nasceu: Santa Teresa;
Desde quando mora na localidade: 13 anos;
Idade: 54 anos;
Sexo: Feminino;
Etnia: Branca;

19. O CRUZEIRO





Local: São Dalmácio;

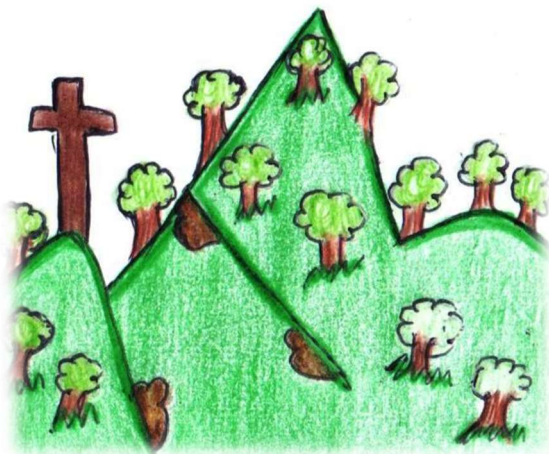
Área de abrangência: Distrito Sede;

Personagens envolvidos: Moradores e Moleque saci;

Autor (pesquisador): Jamili Rossi Brito

Ilustração: Tainara Rossi;

Escola: EMEIEF “Josephir Boschetti”.



São Dalmácio é uma das comunidades mais antigas do município. Seus primeiros habitantes colonizadores chegaram por volta de 1880 à localidade. Contam os antigos que no início do século XX nas redondezas do terreno dos Mariani aparecia à noite um moleque saci que corria atrás dos animais. Os moradores ouviam barulhos estranhos de bichos correndo e assovios muito esquisitos. Pela forte religiosidade decidiram construir em cima de um morro uma cruz para chegar ao fim tais acontecimentos.

Passado um tempo, lá pela década de 40 e 50 a população foi crescendo. Os moradores da redondeza, católicos de muita fé, começaram a fazer procissões e fazer orações no cruzeiro para ver se os barulhos desapareciam.

Depois, o cruzeiro passou a ser palco de outras crenças. A comunidade então começou a realizar procissões, sempre no horário de meio dia. Os moradores se reuniam todos descalços em penitência e muita oração e rezavam a ladainha de Nossa Senhora pedindo a graça da chuva nos tempos de muita seca.



Dez anos depois o cruzeiro e quebrou então a Família Mariani refez a cruz no local do antigo cruzeiro e lá está até hoje.



“Mas é uma pena que a tradição foi se perdendo ao longo dos anos”, conclui Dona Inês.

Visão da criança/adolescente:

É muito importante ter fé e preservar os costumes locais. Preservar a lenda do Cruzeiro é preservar a história da comunidade de São Dalmácio.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Maria Iguinês Rossi Luchine;

Como é conhecido: Dona Inês;

Ocupação/Profissão: Dona de casa;

Onde Nasceu: São Dalmácio;

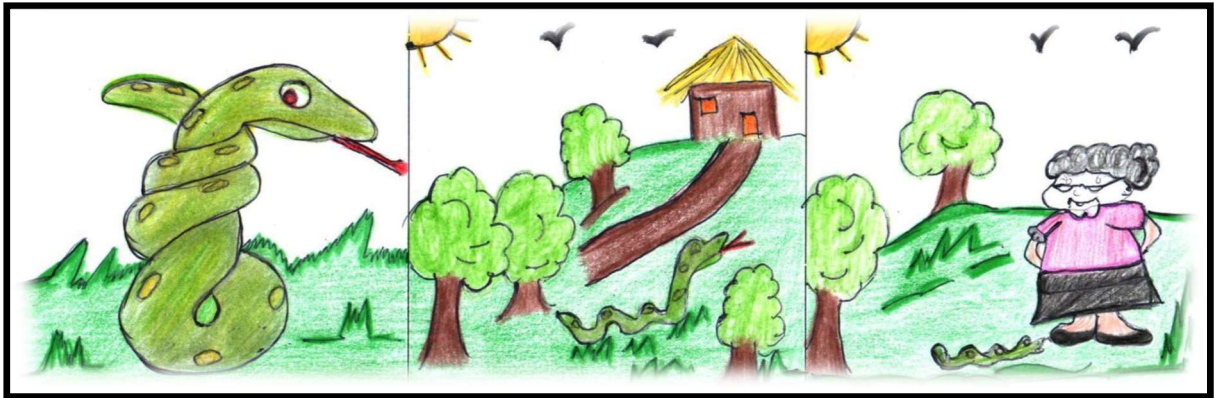
Desde quando mora na localidade: desde quando nasceu;

Idade: 79 anos;

Sexo: Feminino;

Etnia: Branca;

20. A COBRA



Local: São Dalmácio;

Área de abrangência: Todo município;

Personagens envolvidos: Hortência Cabrini Arrigoni e Joaquim Pereira;

Autor (pesquisador): Micael Souza Moreira;

Ilustração: Átila Calsse Schiffler;

Escola: EMEIEF “Josephir Boschetti”.

Antigamente, quando os primeiros imigrantes chegaram a São Roque do Canaã os recursos na área da saúde eram muito precários. Com isso, uma opção eram os benzedores que eram tidos como médicos.



“Quando criança minha avó Hortência Cabrini Arrigoni, que eu chamava carinhosamente de nona contava que foi picada por cobra por duas vezes, por isso perdeu parte de um dos dedos do pé”, narra seu neto Dimas. Quando ocorreram os fatos um de seus filhos foi até a casa do senhor Joaquim Pereira, que morava nas imediações de Picadão (Santa Luzia), conhecido benzedor ou como também o chamavam raizeiro, que saiu à procura de raízes pelo mato afora e seguiu tranquilamente para tratar à senhora

Hortência, como comumente fazia nessas situações. Ao chegar na residência da senhora Hortência, pediu se a família queria que chamasse a cobra para matá-la, mas nas duas oportunidades eles haviam matado a cobra no ato. Então passou a fazer as rezas e tratá-la com raízes durante a noite toda. Não permitiu que a mesma dormisse até que o efeito do veneno passasse e estivesse curada.

Conta-se que numa ocasião ao chegar na casa de um conhecido que havia sido picado por cobra, Joaquim Pereira fez suas orações e chamou a cobra de volta para matá-la. Ele surpreendeu a todos os presentes quando abruptamente disse que podiam ir matar a cobra, pois a mesma estava no quintal da casa debaixo de uma tábua.

Muitos tinham medo de pedir pra ele trazer a cobra de volta porque ele alertava logo de início que se no percurso de retorno ela picasse um ser vivo, pessoa ou animal, não teria cura e se também a cobra tivesse passado perto de um formigueiro e se as formigas a picassem, a pessoa sentiria a mesma dor das mordidas das formigas na cobra, assim como, o doente iria se retorcer na cama no mesmo movimento da cobra.



Muitos casos como de Dona Hortência se repetiram pela região afora, fazendo com que sua fama se espalhasse por todo o município de São Roque do Canaã e arredores.

“Os benzedores daquela época tinham muita credibilidade e uma fé grandiosa, pois acreditavam muito em suas orações, e grande número de pessoas procuravam e procuram até hoje esse tipo de fé e cura das enfermidades. Uma crendice que merece ser preservada”, relata o Senhor Dimas.

Visão da criança/adolescente:

As pessoas de antigamente tinham uma fé inabalável, apegavam-se em suas orações e acreditavam que Deus podia os livrar de todo mal.

Dados do entrevistado (relator da história)

Nome completo: Dimas Sebastião Filippini;

Como é conhecido: Dimas;

Ocupação/ Profissão: Lavrador;

Onde nasceu: São Dalmácio;

Desde quando mora na localidade: desde quando nasceu;

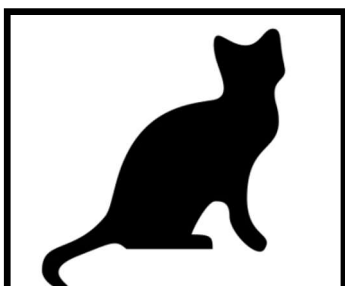
Idade: 61 anos;

Sexo: Masculino;

Raça/Etnia: Branca;

Função que desempenha no caso: Narrador;

Etnia: Branca;



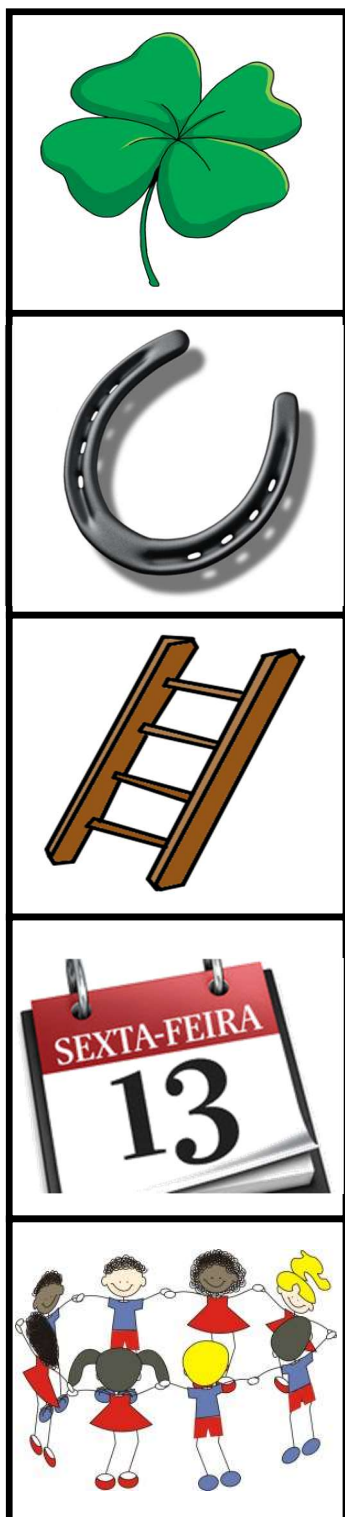
SUPERTIÇÕES

Superstição é a crença sobre relações de causa e efeito que não se adequam à racionalidade e que geralmente está associada à suposição da atuação de alguma força sobrenatural, que pode inclusive ser de origem religiosa. Um exemplo é a crença comum, no Brasil, de que quebrar um espelho causa sete anos de azar.

Pode ser entendida como um tipo de credice, sendo essa última o equivalente à simples crença irracional e, portanto, sem a suposição necessária de algo não natural.


As superstições, não fundamentadas ou assentadas de maneira irracional no ser humano, podem estar baseadas em tradições populares, normalmente relacionadas com o pensamento mágico. O supersticioso acredita que certas ações (voluntárias ou não) tais como rezas, curas, conjuros, feitiços, maldições ou outros rituais, podem influenciar de maneira transcendental sua vida.


As superstições em nosso município não foi possível entrevistar alguma pessoa, pois as mesmas falavam que não acreditavam, contudo em sala de aula os próprios alunos escreveram o que escutam em casa, assim os próprios mapeadores citados acima foram os protagonistas dessas superstições descritas a seguir.





12. SUPERTIÇÕES

 Quando uma pessoa mata um gato, tem sete anos de azar. Também dá azar:

 Quebrar espelho;

 Deixar o chinelo virado;

 Cruzar com gato preto na Sexta-feira;

 Passar embaixo da escada.

 Se deixar o pão virado com o fundo para cima, chama miséria.


 Empréstimo de sal também chama miséria.

 Se o bebê olhar para o espelho demora a falar.

 Se levantar com o pé esquerdo o dia será ruim.

 Quando a mão coçar esfrega na cor verde, e coçar e por no bolso!

 Quando o dente cair colocar debaixo do travesseiro, que a fada traz dinheiro!

 Ou joga no telhado para nascer outro dente forte.

 Quando o galo canta fora de hora à noite é morte na família.

 Quando o pé de pino passar do telhado a pessoa da família que plantou morre!

 Quando coam canta em galho seco, vai dar sol.

 Quando coam canta no galho verde, vai dar chuva.

 Quando a galinha canta igual o galo, está agourando a família.

 Andar para trás, faz mal.

 Abrir guarda chuva dentro de casa, casa com viúvo.

 Cruzar as mãos na nuca, a mãe morre.

 Se for matar cobra, para ela não fugir, dá um nó na camisa.

 Colocar a vassoura atrás da porta, espanta visita.

 Contar estrelas, nascem verrugas.

 Se varrer o pé não casa.

 Se a grávida passar debaixo da cerca, perde o bebê.

 Não se começa nada na Sexta-feira porque dá para traz.



Passar debaixo do arco-íris, troca de sexo.

Se a criança passar debaixo das pernas do outro, não cresce mais.

Colocar o ovo no toco para Santa Clara, não chove.

Criança que pula janela, vira ladrão.

Se jogar dinheiro pela janela, não junta mais.

Quando o beija-flor entra em casa é porque receberá alguma notícia.

Quando vai pescar se a mulher passar por cima da vara do anzol, não pega nada.

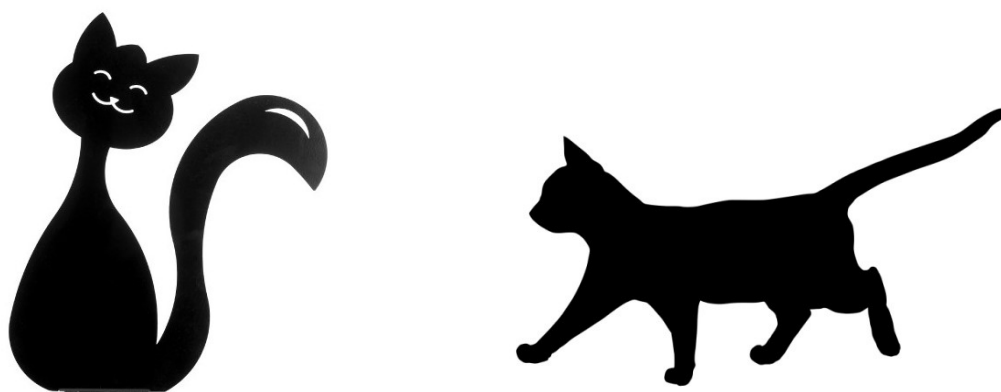
No dia do casamento se chove, a noiva tem que comer na frigideira para estiar.

Casa de marimbondo no canto, traz sorte. Carregar pé de coelho traz sorte.

O bicho papão vem pegar crianças mal criadas e desobedientes, para devorá-las.

As bruxas voam à noite levando embora crianças que não dormem cedo.

Se o Brasil estiver perdendo o jogo, escrever o nome do jogador adversário e amarrar no pé da mesa. Assim você amarra as pernas dele e ele não consegue jogar mais.



Alunos das séries finais da EMEIEF “Darly Nerty Vervloet”, no ano letivo de 2008 (Época do primeiro mapeamento)

Adriano Lulio
Alessandra Firminio
Amintas Tonini
Ângela Zinger
Angélica Barloesius Zinger
Breno Margon
Carla Caminski Chiste
Diones Margon
Fabrício Zinger
Igor Corona Pedroni

Jéssica Cristina Silva de Paula
Lorena Bertholo Margon
Luciana Seibert
Lucieni Bertholo
Mayke Oliveira Cremonini
Nagela Racanelli
Rariane Rattes
Ravena Venancia dos Santos Geremias
Riria de Fátima Bonini Lauss
Talita Marcelino Rogério

Fotos do Mapeamento:

